



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

RENATO MARTINS COSTA

**«Vós, porém, quem dizeis que Eu sou?»
A figura de Pedro e de Jesus a partir de Mt 16, 13-20**

**Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor João Alberto Sousa Correia**

**Braga
2022**

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| Resumo | 4 |
| Abstract..... | 4 |
| Siglário e abreviaturas | 5 |
| Introdução..... | 6 |
| Capítulo 1 – Mateus..... | 8 |
| 1. Composição da obra e autoria | 8 |
| 2. Características gerais da obra de Mateus | 11 |
| 3. Características literárias e estilísticas | 14 |
| 4. Macroestrutura do Evangelho..... | 18 |
| Capítulo 2 – características específicas de Mt 16, 13-20 | 22 |
| 1. Texto grego e tradução | 22 |
| 2. Estrutura de Mt 16, 13-20..... | 23 |
| 3. Delimitação textual..... | 24 |
| 4. Morfologia do texto | 25 |
| 5. Questão sinótica..... | 29 |
| 6. Títulos cristológicos | 32 |
| Capítulo 3 – O sentido do texto..... | 35 |
| 1. A figura de Pedro e sua missão | 35 |
| 2. Exegese textual..... | 38 |
| 3. «Vós, porém, quem dizeis que Eu sou?»..... | 50 |
| Conclusão | 55 |
| Bibliografia..... | 57 |

RESUMO

Este trabalho científico procura responder à pergunta que lhe deu o título. Como esta resposta não poder ser dada fora de contexto, analisamos o período de composição do evangelho, o seu autor e o local onde redigiu a sua obra. Além disto, também se revelou muito importante investigarmos as características do primeiro evangelista e a forma como este estruturou o seu evangelho. Posteriormente, aprofundaremos a passagem que nos propusemos analisar (Mt 16, 13-20) a fim de evidenciarmos algumas características que não se tornam perceptíveis apenas com uma leitura e, como tal, comparámo-las com as de outros sinóticos.

Por fim, procedemos à exegese textual da mesma, ou seja, intentamos descobrir o que o autor pretendia transmitir com estas palavras. Não poderíamos terminar este trabalho sem transpor esta questão para a nossa realidade, sempre com o intuito de encontrar na atualidade uma resposta para ela.

Palavras-chave: Mateus, judeo-cristãos, Cristo, Pedro.

ABSTRACT

This scientific work seeks to answer the question that gave it its title. As this answer cannot be given out of context, we analyze the period of composition of the gospel, its author and the place where he wrote his work. In addition, it was also very important to investigate the characteristics of the first evangelist and the way he structured his gospel. Later, we will deepen the passage that we proposed to analyze (Mt 16, 13-20) in order to highlight some characteristics that do not become perceptible only with a reading and, as such, we compare them with those of other synoptics.

Finally, we proceed to its textual exegesis, that is, we try to discover what the author intended to convey with these words. We could not finish this work without transposing this question to our reality, always with the aim of finding an answer to it today.

Keywords: Matthew, Judeo-Christians, Christ, Peter.

SIGLÁRIO E ABREVIATURAS

Antigo Testamento - AT

Antes de Cristo – a.C.

Atos dos Apóstolos - Act

Conferência Episcopal Portuguesa -CEP

Coríntios – Cor

Daniel – Dn

Depois de Cristo – d.C.

Estados Unidos da América - EUA

Evangelho de S. João – Jo

Evangelho de S. Lucas – Lc

Evangelho de S. Marcos – Mc

Evangelho de S. Mateus – Mt

Fonte Quelle - Q

Novo Testamento - NT

INTRODUÇÃO

Este trabalho começou pela inquietude de responder à pergunta: «Vós, porém, quem dizeis que Eu sou?» (Mt, 16,15) Para tal, num primeiro momento, para que esta pergunta não surgisse descontextualizada procuramos analisar o evangelista Mateus e a sua obra, tendo em conta tanto as características gerais do evangelho, nomeadamente as literárias e as estilísticas. Para terminarmos esta primeira abordagem, pareceu-nos oportuno apresentar a estrutura global do primeiro evangelho para que nos fosse possível localizar a passagem em estudo.

Tendo por base a análise acima referida, entendemos que seria pertinente começar o segundo capítulo com a tradução da passagem do grego para português. Refira-se que esta não consistiu numa tradução pessoal, mas sim na tradução da Conferência Episcopal Portuguesa que, apesar de ainda estar em estudo, nos pareceu ser a mais adequada para este trabalho. Depois disto, não seria apenas importante debater a estrutura global do evangelho, mas a própria estrutura da passagem Mt 16, 13-20. De forma a sustentar o porquê de a passagem iniciar no versículo treze e terminar no vinte, procedemos à sua delimitação textual e à morfologia do texto em questão.

Como o conteúdo desta passagem, ou parte dele, não é exclusivo de Mateus, a comparação sinótica mostrou-se indispensável tanto para averiguar as semelhanças como as diferenças. A respeito das diferenças, o primeiro evangelista, utiliza títulos cristológicos a que os outros sinóticos não fazem referência quando tratam este episódio. Para tal propósito, antes de seguirmos para a exegese textual, pareceu-nos indispensável um estudo sobre os mesmos.

No terceiro capítulo, para evitarmos começar de forma abrupta com a exegese, pensamos que uma primeira abordagem à relação entre o termo «pedra» e «edificação», enquanto definição da missão de Pedro na Igreja, seria o mais adequado. Depois desta breve análise, partimos para a exegese do texto em questão. Para concluirmos este capítulo e todo trabalho que desenvolvemos, não poderíamos deixar de trazer esta questão para o contexto atual. A resposta à pergunta que deu o título a este trabalho exigia, nos dias de hoje, uma resposta da nossa parte. Não uma resposta exterior, fundada apenas naquilo que os outros opinam dela, mas uma resposta inspirada no texto, como iremos perceber ao longo deste trabalho de investigação.

No fundo, para iniciarmos esta investigação, procurámos inserir-nos no contexto em que o evangelho foi escrito, identificar os seus destinatários e analisar as características de Mateus. Este percurso permitiu-nos compreender e a aprofundar o texto e, por conseguinte, refletir de forma mais fiel sobre o que o autor pretendia transmitir. Só com a fidelidade ao texto como

princípio é que poderíamos avançar naquilo que ele nos quer dizer, isto é, no que Mateus nos quis transmitir. O método utilizado para retirar do texto o seu sentido mais profundo foi o exeético-teológico.

CAPÍTULO 1 – MATEUS

Este capítulo servirá para ajudar a compreender os seguintes. Iremos, portanto, apontar aspectos particulares e gerais do primeiro evangelista que na análise posterior se irão sobressair. Alguns relacionados com a comunidade para quem escreveu o evangelho, com o local da sua redação, as suas diversas referências ao Antigo Testamento e a forma peculiar, de entre os sinóticos, de como organizou o evangelho.

1. Composição da obra e autoria

O evangelho de Mateus, à semelhança dos outros sinóticos, não foi publicado com o nome do autor. No entanto, a tradição da Igreja antiga atesta, de forma unânime, que foi escrito por Mateus, o apóstolo. «Evidências externas (tradição da Igreja) decorrentes de Papias no início do segundo século e confirmadas pelo título unânime (adicionado depois de os primeiros cristãos identificarem o evangelho existente como um género, embora possivelmente antes de serem coletados) suportam a autoria de Mateus».¹

Embora autoria deste evangelho nunca tenha sido questionada nos primeiros séculos, tal aconteceu na contemporaneidade. Uma coleção de ditos e feitos de Jesus elaborada por Mateus pode ter deixado a sua marca no Mateus canónico, mas não temos certeza disso. Apesar da falta de outras opções, não se pode afirmar com absoluta certeza que a obra é de Mateus. Alguns autores defendem a tese de que teria sido editada por uma comunidade de discípulos ou um dos discípulos de Mateus.

De acordo com os primeiros materiais patrísticos que dependem fortemente do cristianismo apostólico, «a rutura entre o primeiro e o segundo século, ou entre “apostólico” e “subapostólico”, não foi completa; a tradição oral, em alguns círculos ainda frequentemente confiável, permanece importante no final do primeiro e no início do segundo século. A confusão poderia reinar em várias questões da tradição, mas a autoria seria o último ponto a esquecer».²

Estamos perante o evangelho mais valorizado em toda a tradição da Igreja, objeto de vários estudos e comentários. Parece-nos, portanto, «improvável que este evangelho tenha circulado originalmente sem o conhecimento oral do seu autor; como uma obra anónima, não teria conquistado rapidamente ampla aceitação, e autores de biografias deste tamanho normalmente eram citados (embora a perseguição pudesse exigir um caso especial de anonimato aqui)».³ Nesse caso, haveria nomes com mais autoridade, como é o caso de Pedro

¹ Craig S. Keener, *The Gospel of Matthew: A social-rhetorical commentary* (EUA: Eerdmans, 2009), 38.

² Keener, *The Gospel of Matthew*, 40.

³ Keener, 40.

ou Paulo. O facto de a autoria ser ou não de Mateus não invalida a autoridade nem a precisão que o evangelho reflete, uma vez que os títulos dos evangelhos foram adicionados posteriormente.

No entanto, o que concluímos sobre o autor afeta a nossa compreensão do evangelho. Mateus é claramente judeu, em diálogo com o pensamento judaico contemporâneo e hábil na interpretação judaica tradicional do Antigo Testamento. Mateus também conhece o contexto das suas citações muito melhor do que muitos leitores modernos supuseram, e ele demonstra familiaridade com uma variedade de tipos de textos.⁴

Abordando o contexto social desta obra, evidenciamos que a comunidade de Mateus está intrinsecamente relacionada com o judaísmo. O primeiro evangelho dirige-se a judeus, mas não deixa de se abrir aos pagãos, não ignora a possibilidade de ter de lidar com membros de outras nações. Tal comprova-se na seguinte passagem: «este evangelho do reino será proclamado em todo o mundo habitado, como testemunho para todos os povos, e então virá o fim». (Mt 24, 14) Estamos perante uma comunidade judeo-cristã que é fiel à *Torah*, motivo pelo qual o evangelista tem dela e das tradições judaicas um profundo conhecimento.

Se é importante ter em conta o contexto histórico em que o evangelho foi escrito, não é menos importante analisar o contexto no qual o primeiro evangelista comunica a sua mensagem. Só assim podemos compreender as lições que Mateus queria transmitir à comunidade judeo-cristã do primeiro século. Mateus tem a preocupação de afirmar a lealdade cristã à lei judaica e, talvez por isso, a sensibilidade para com o judaísmo permanece importante na sua obra.

Mateus escreve para judeo-cristãos que são muito conscientes relativamente à sua identidade judaica, mas tem de tomar uma posição face do judaísmo oficial, do qual se originaram, porque se evidencia, neste momento, a rutura entre o judaísmo e o cristianismo.

O rompimento da Igreja com a sinagoga dos fariseus, não implica um abandono da tradição vétero-testamentária. Para a comunidade mateana, Jesus é a realização plena de tudo o que estava anunciado no Escrituras Judaicas. Sua pregação não vinha destruir a *Torah*, mas, antes, dar-lhe amplo cumprimento que se traduz na continuidade da revelação dada aos profetas.⁵

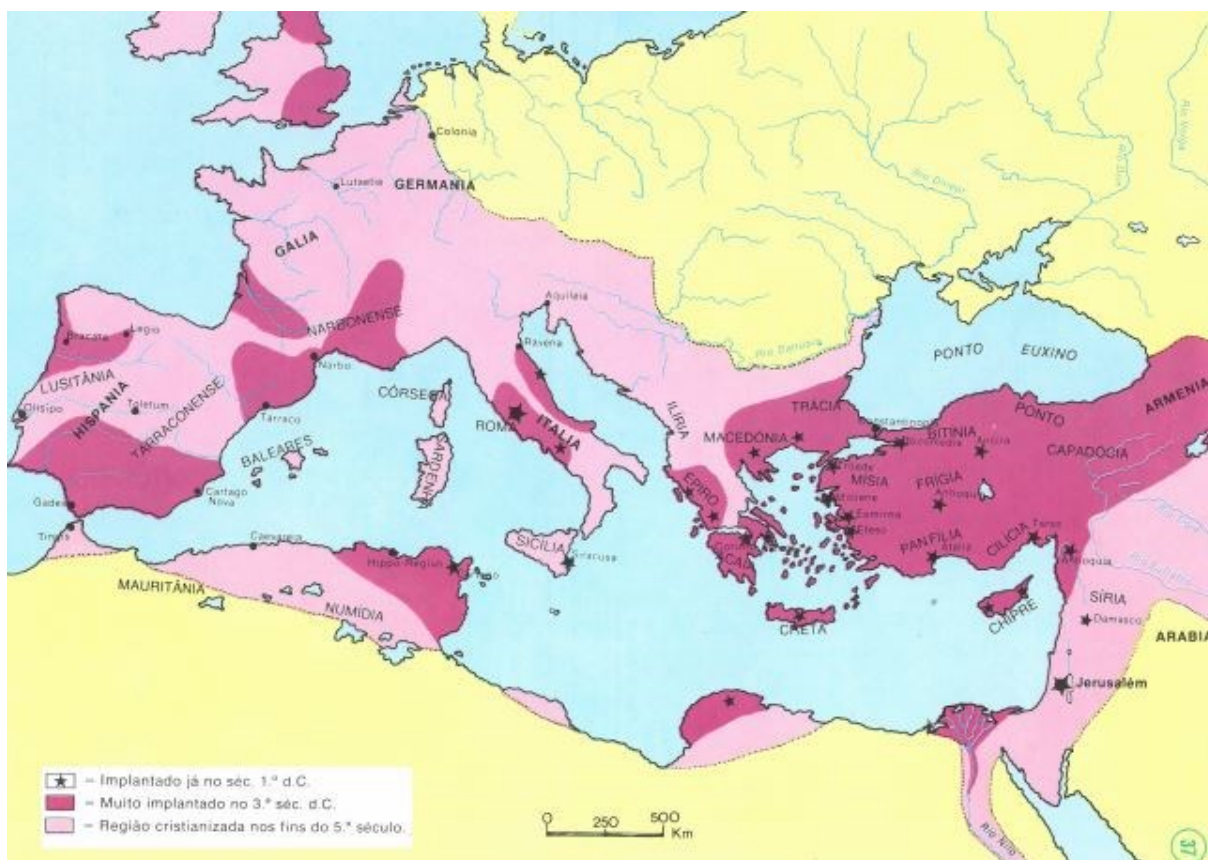
A composição do primeiro evangelho remete-nos para os anos 70 d.C. a 90 d.C, mais provavelmente pelos anos 80 d.C. Um contributo essencial para esta datação é o conhecimento que Mateus demonstra destas épocas, da destruição do templo de Jerusalém em 70 d.C e o facto de ter conhecimento do evangelho de Marcos, o que implica uma data posterior. No entanto,

⁴ Keener, 40-41.

⁵ Rodrigo Silva, «Mateus o Evangelho da ruptura», Revista Teológica do Salt-IAENE 5, n. 1 (2001): 67, <https://seer-adventista.com.br/ojs3/index.php/praxis/article/view/597/525>

alguns autores como Frederick Fyvie Bruce e Theodor Zahn acreditam que este evangelho poderia ser datado entre os anos 30 a 70 d.C, isto é, defendem um adiantamento relativamente à data de composição do evangelho: «será fácil situar Mateus no momento áureo da crise entre a Igreja Cristã e as Sinagogas judaicas que perdurou entre o apedrejamento de Estevão (34 d.C.) e a fuga dos cristãos para Pela, antes que Jerusalém caísse nas mãos de Tito em 70 d.C.». ⁶ Outros dados que suportam esta tese seriam: a abundância de termos e preceitos do judaísmo e a validade universal da *Torah* defendida por Mateus.

Apesar de estes dados contribuírem para o nosso enriquecimento no estudo deste evangelho, iremos situar a data da sua composição no início da década de 80 d.C. «As comunidades cristãs que já existiam em Jerusalém saíram antes. Algumas foram para a cidade de Pela, ao lado oriental do rio Jordão, outras se espalharam pela Síria e Fenícia, e outras ainda se refugiaram junto à comunidade de Antioquia na Síria. E foi provavelmente de Antioquia, por volta dos anos 80 d.C., que Mateus escreveu o seu evangelho para essas comunidades». ⁷ Para melhor se perceber a localização geográfica de Antioquia da Síria, observe-se o mapa. ⁸



⁶ Silva, «Mateus o Evangelho da ruptura», 63.

⁷ Elenice de Oliveira, «Evangelho de Mateus: uma comunidade resistente», Fragmentos de cultura 25, n. 3, (2015): 372.

⁸ José Machado Lopes, *Atlas Bíblico: geográfico-histórico* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 44.

Em relação ao palpite comum da proveniência Síria de Mateus (que continuo a apoiar por falta do que parece uma alternativa mais plausível), a Síria do primeiro século estava orientada para o oeste e não para o leste, mais para Roma do que para Pártia. Essa tensão poderia ajudar a explicar o modelo greco-romano de Mateus (biografia) juntamente com a inclusão de uma preponderância de elementos tradicionais que refletem Jesus como um sábio de Médio Oriente.⁹

A maioria dos estudiosos aceita a proveniência siríaca do primeiro evangelista, mais concretamente Antioquia: «em parte devido à influência de Mateus sobre Inácio e a Didaquê naquela região. Mateus enfatiza locais na Síria (4:24-25), antecedentes que apenas se podem inserir na Síria (17:24-27), e defende uma missão aos gentios que a Igreja sírio-judaica abraçou pela primeira vez».¹⁰ Esta cidade continha a maior população judaica fora da Palestina e reconhecia a sua cidadania, o que explica o facto de o evangelho se espalhar como mais rapidez num centro urbano como este. Também teria sido a Igreja da Antioquia a conservar dados acerca de Pedro que aparecem em Mateus e não encontramos em Marcos.

Acima de tudo, Mateus convida o seu público a ouvir o Evangelho no contexto da mensagem cristã primitiva: seu discurso central é enfático que somente aqueles que se aproximam como discípulos persistentes do reino podem realmente entender a mensagem do reino (13:11-23). A comunidade judeo-cristã de Mateus, enraizada tanto na nova mensagem do reino quanto no contexto mais amplo da história do antigo reino de Israel (13:52), tinha uma vantagem especial.¹¹

2. Caraterísticas gerais da obra de Mateus

Lendo este Evangelho na totalidade, é possível notar que o primeiro evangelista não dá importância à cronologia dos acontecimentos. Exemplos disto são o uso frequente das expressões «naquele dia», «naqueles dias», «naquela ocasião», «naquele tempo».¹² É possível identificar uma abundância de notas temporais que carecem de certa continuidade, de referências temporais indeterminadas, que não apontam um dado cronológico concreto acerca do evento narrado. A sua função consiste em unir diversas passagens do relato ou introduzir uma nova fase da narração. Desempenha uma função semelhante a expressão «quando acabou estas palavras». «No entanto, essa falta de precisão cronológica transforma-se no relato da Paixão do Senhor num interesse genuíno em localizar os acontecimentos».¹³

⁹ Keener, *The Gospel of Matthew*, xxvi.

¹⁰ Keener, 41.

¹¹ Keener, 16.

¹² Cf. Josef Schmid, *El evangelio según san Mateo* (Barcelona: Herder, 1967), 40.

¹³ Gloria Heras Oliver, *Jesús según San Mateo: Análisis narrativo del primer evangelio*, (Navarra: EUNSA, 2001), 54.

A sucessão dos acontecimentos é indicada, de maneira especial, mediante o uso do advérbio temporal τότε (então) que aparece noventa vezes no evangelho de Mateus, sendo oitenta delas redacionais.¹⁴ Os eventos sucedem-se uns aos outros, não atribuindo relevância ao facto de entre eles existir uma separação de dias ou anos. O advérbio τότε, no relato de Mateus, é comparável a uma conjunção coordenada com sentido temporal. Quando aparece relacionado com o futuro escatológico, desempenha simplesmente a função de coordenar os acontecimentos, sem acrescentar nenhuma nuance temporal. Mateus dá mais valor ao relato como um todo do que à distinção das partes, baseada em momentos cronológicos.

A expressão από τότε constitui um sinalizador temporal relevante, de significado particular. Tem uma dupla função: por um lado, une as diversas passagens; por outro, serve para dar início a novas fases da história do evangelho. Esta expressão «não só marca o início da pregação de Jesus e, portanto, da sua vida pública, mas situa-o em estreita relação com a atividade do Batista: Jesus começa o seu ministério quando ouve que João teria sido preso».¹⁵ Ou seja, não se trata de dois eventos sobrepostos; só quando João Batista termina a sua missão de preparação, como precursor, aquele que aponta o caminho, é que Jesus entra em cena a falar com a sua própria voz.

A importância desta expressão salta à vista no texto que segue o relato da confissão messiânica de Pedro, o objeto de estudo deste trabalho. É com esta expressão que Mateus une esta passagem à seguinte, onde Jesus faz a primeira referência à sua morte. Só quando é reconhecido como Messias é que começa a falar aos discípulos da sua paixão, morte e ressurreição. Esta expressão produz uma nova intensificação no decorrer dos acontecimentos. «A expressão από τότε consegue ressaltar com intensidade um evento que decorre no tempo presente do relato mas que, além disso, está aberto ao futuro imediato, uma vez que se repetirá daqui em frente».¹⁶ Os três eventos fundamentais que estão marcados com esta expressão são: o anúncio do Reino (Mt 4,17), o anúncio da paixão (Mt 16, 21) e a traição de Judas (Mt 26,16).

Numa leitura atenta e pausada, reparamos que o primeiro evangelista não tem grande preocupação em relação dados geográficos. A presença de notas geográficas coincide substancialmente com os blocos marcados pelas referências temporais. Apesar de, em alguns momentos, Mateus identificar os movimentos de Jesus com referências espaciais mais concretas e frequentes, noutros momentos aplica notas geográficas de carácter geral como a referência a montes, à beira do mar e locais desertos. No fundo, «Mateus conserva um esquema

¹⁴ Marcos usa-o seis vezes e Lucas quinze.

¹⁵ Oliver, *Jesús según San Mateo*, 58.

¹⁶ Oliver, 58.

temporal e geográfico pouco preciso, com umas linhas gerais determinadas, e com detalhes exatos em alguns blocos, mas não pretende em nenhum caso compor o seu evangelho com uma construção estritamente geográfica e cronológica».¹⁷

Mateus «compara-se com um escriba, é dizer, com um estudioso, acostumado a ler e reler continuamente a Lei e os Profetas, o que nós chamamos Antigo Testamento. Parecia entendê-lo, gostar de toda a sua beleza; sentia-o como um tesouro sem fim».¹⁸ Deste ponto de vista, há, na sua obra, um versículo que revela o seu plano de trabalho e o próprio autor: «Por isso, todo o doutor da lei que se torna discípulo do reino dos céus é semelhante a um senhor da casa, que tira do seu tesouro coisas novas e velhas». (Mt 13, 52) Ser discípulo do reino dos céus é começar a olhar este tesouro com os olhos de Jesus, que consegue valorizar e dar sentido ao velho, porque Ele mesmo não veio abolir a Lei ou os Profetas, mas levá-los à perfeição.¹⁹

Este Evangelho poderá ser apelidado de eclesial. E bem, porque está ao serviço da fé e «ser cristão não é um feito puramente individual, mas eclesial. É impossível viver como cristãos se não se vive sendo Igreja».²⁰ A vivência da fé é comunitária e estudar Mateus significa conhecer a Igreja, sentir a Igreja e aprender a ser Igreja. A Igreja é a comunidade dos irmãos, uma fraternidade, uma família,²¹ «pois aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus é meu irmão, minha irmã e minha mãe». (Mt 12, 50).

Uma das características próprias deste evangelista está relacionada com a comunidade de Jesus: preocupa-se em chegar a todos sem distinção. A palavra «Igreja» nem sequer aparece nos restantes evangelhos e neste surge por três vezes. No âmbito da comunidade, Mateus não se preocupa apenas com os bons, ele está consciente de que uma comunidade apenas de seres humanos perfeitos, que nunca erram, é inatingível. Assim como não podemos separar o trigo do joio, porque ao arrancar o joio arrancaríamos também o trigo, também na comunidade tal não é possível. O caminho é que nos ajudemos uns aos outros, mediante a correção fraterna, que não tem o intuito de humilhar nem de rebaixar o outro, mas sempre de ajudar. No fundo, trata-se de sermos luz uns para os outros. Sabendo das nossas fragilidades e limites, a comunidade pode ajudar-nos a ultrapassá-las.

Outro aspeto de relevância é, nesta comunidade, fazer uso do perdão. «Em última instância, falando cristãmente, o perdão é renunciar ao direito à justiça última (não a terrena e penúltima) nas mãos de Deus. É renunciar a se vingar, a odiar, a guardar rancor. É, em Deus,

¹⁷ Oliver, 60.

¹⁸ Mario Galazi, *Evangelio según Mateo* (Madrid: San Pablo, 1999), 7.

¹⁹ Cf. Mt 5, 17-18)

²⁰ Galazi, *Evangelio según Mateo*, 9.

²¹ Cf. Galazi, 9.

dar a oportunidade à outra pessoa de se refazer, de nascer de novo».²² Trata-se de não esquecer, mas aprender a recordar o acontecimento de outra maneira.

A nível teológico, «o Deus do primeiro evangelho é o mesmo do Antigo Testamento, aquele que salvou Israel da escravidão do Egito».²³ Notam-se, nesta obra, muitas citações do Antigo Testamento, que nos mostram que não há uma rutura com o passado, mas antes uma continuidade na história da salvação. Jesus é, portanto, o Messias de Israel. «A história de Jesus é contada como uma continuação – de facto, como uma espécie de culminação - da longa história de Deus e do seu povo. O evangelho de Mateus não é uma história independente, mas uma história que deve ser colocada num quadro maior fornecido pelos tratos anteriores de Deus com o seu povo».²⁴ Esta obra tem fundamentalmente dois núcleos teológicos: a identificação de Jesus como o Cristo e a proclamação da proximidade do reino de Deus. Pode-se ler todo o evangelho a partir destas duas características.

Desde o início, o primeiro evangelista apresenta Jesus em categorias messiânicas, que permanecerão importantes ao longo da obra, um aspeto a ser desenvolvido posteriormente. «Mateus articula um conjunto bastante claro de crenças teológicas, mas ele tem uma história para contar, não simplesmente um conjunto de crenças para articular, e o modo da história dá uma forma de evento às suas crenças».²⁵ Para além disso, «Mateus funciona provavelmente como um manual de discipulado, um “manual” de vida e ensinamentos básicos de Jesus, relevante para uma comunidade judeo-cristã inserida na missão aos gentios e encurralada na polémica bíblica com as suas comunidades locais na sinagoga».²⁶

3. Características literárias e estilísticas

A principal «característica do primeiro evangelista é uma preferência por aplicações morais e resumos, assim como por repetições estereotipadas».²⁷ Do mesmo modo, na assimilação textual de conteúdos análogos entre si, «gosta, ainda, do estilo direto, introduz às vezes os seus textos por meio de um pergunta e mostra uma tendência para a generalização e para a amplificação».²⁸ Estas últimas coincidem com a sua forma de anunciar o Evangelho,

²²Chema Segura, «Perdoar não é esquecer», acessido a 1 de abril de 2022, https://www.hijasdejesus.org/index.php?option=com_content&view=article&id=316:perdoar-nao-e-esquecer&catid=14&lang=pt&Itemid=143

²³ Giulio Michelini, *Matteo: introduzione, traduzione e commento* (Torino: San Paolo, 2013), 19.

²⁴ John Nolland, *The new international greek testament commentary: The gospel of Mathew* (EUA: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2005), 19.

²⁵ Nolland, *The new international greek testament commentary*, 42.

²⁶ Keener, *The Gospel of Matthew*, 51.

²⁷ Schmid, *El evangelio según san Mateo*, 42.

²⁸ Schmid, 43.

voltado para a universalidade, querendo incluir toda a humanidade. A repetição tem como objetivo identificar conjuntos de materiais que estão espalhados ao longo do evangelho, unir materiais que estão juntos ou dar destaque a um ponto que já foi abordado.

Nota-se ainda uma grande abundância de quiasmos. Para enquadrar um tema, Mateus não usa apenas as repetições, mas quiasmos. «O enquadramento é a forma mais simples do quiasmo (paralelismo simétrico de elementos, geralmente em torno de um centro enfatizado – a próxima forma mais simples de quiasmo além do enquadramento tem um padrão ABCB'A')».²⁹ A repetição e o quiasmo já envolvem o uso do paralelismo, mas a predileção de Mateus pelo paralelismo é muito mais abrangente. «É provável que Mateus use concentrações de uma de suas palavras favoritas, τότε ('então'), para criar um paralelismo menor entre os seus relatos de Herodes e Jesus, João e Jesus, e o diabo e Jesus».³⁰

Parece, de igual modo, estabelecer uma espécie de paralelismo entre Pedro e Judas, coloca em paralelo a negação de Pedro com a traição de Judas. Acentua ainda o paralelismo entre João Batista e Jesus. Aqui podemos ressaltar o facto de Jesus só ter começado a sua missão quando João termina a sua. Apesar de ter um gosto especial pelo uso de paralelismos, não sente a necessidade de criar paralelismos perfeitos. Estes paralelismos imperfeitos devem-se ao facto de Mateus moldar o conteúdo das suas fontes em função da sua estrutura própria.

Verifica-se, ao longo da sua obra, que Mateus tem três tipos de fontes: Marcos, a fonte Quelle e fontes próprias, o que confirma que o «nosso Mateus canónico não é, pois, um simples tradutor do original aramaico, mas uma criação literária, ao menos no essencial, sobre fontes gregas».³¹ Nesta linha de pensamento, alguns críticos não percebem o porquê de Mateus ser tão diferente de Marcos e Lucas no estilo redacional, questionam-se porque é que ele editou Marcos e a fonte Q daquela forma. «Sempre que possível, Mateus tornou o Jesus de Marcos “mais judeu”. Isto é, onde Marcos adaptou Jesus a um público greco-romano mais amplo (mais “universal”), Mateus rejudaizou consistentemente Jesus».³² No entanto, fez este processo com base em sólidas tradições que tinha ao seu dispor. Este processo não nos deve pôr dúvidas relativamente à verdade do que Mateus escreve.

Em outro lugar Mateus “corrige” as adaptações de Marcos para leitores gentios para melhor concordar com os dados históricos disponíveis para ele. Mateus e Lucas ocasionalmente adicionam o mesmo material da tradição oral ou da Q onde Marcos omitiu alguma coisa,

²⁹ Nolland, *The new international greek testament commentary*, 25.

³⁰ Nolland, 26.

³¹ Schmid, *El evangelio según san Mateo*, 32.

³² Keener, *The Gospel of Matthew*, 13.

indicando ainda mais a prontidão de Mateus para adaptar Marcos com base na tradição anterior.³³

Relativamente à forma literária, os evangelhos são algo novo, um género distinto. «Os Evangelhos não são obras de arte literária, pelo seu ser e pela sua configuração a uma personalidade literária, mas compilações, constituídas por um grande número de várias unidades isoladas, narrativas referentes a Jesus ou palavras dele».³⁴ Daqui provém a explicação para o anonimato de muitas obras. Ao autores não eram os criadores das obras, mas apenas compiladores, isto é, já encontravam as obras pré formadas e apenas as ordenavam na medida do seu ponto de vista estilístico, temático ou didático, tendo em conta o seu contexto vital (*Sitz im Leben*), de forma a deixar bem entendido o significado religioso do conteúdo da obra.

Mesmo que tivéssemos, com exatidão, a localização da comunidade de Mateus, ainda existiriam variáveis sociais e ideológicas predominantes na sinagoga e nas comunidades da igreja que nos poderiam enganar. Para tal, um conhecimento geral da antiguidade irá fornecer-nos mais dados daquilo que Mateus e os seus destinatários teriam assumido do que uma leitura puramente moderna do texto faria. Fontes que descrevem a vida judaica na Síria-Palestina podem ser mais úteis diretamente; no entanto, importa também considerar outras fontes que englobem um contexto mais amplo do Mediterrâneo Oriental. «Dadas as limitações de usar um único conjunto de dados antigos, a forma mais segura de reconstruir o conhecimento do meio geral em que Jesus viveu, em que os cristãos judeo-cristãos palestinos transmitiram as tradições e em que Mateus escreveu, é procurar ideias e costumes dentro do quadro mais amplo de fontes possível».³⁵ Isto dá-se porque os destinatários do primeiro evangelista seriam mais recetivos a ouvir e a compreender a mensagem original de Jesus como ele a reconstruiu, tendo em conta toda a sensibilidade judaica envolvente, que Mateus domina. Daqui provêm as diversas citações do Antigo Testamento que seriam compreensíveis para o seu público judeu.

Podemos também considerar que o género desta obra possa ser evangélico. «O estilo que Mateus usa é, de facto, a forma do evangelho, que ele também escolhe manter e que também ajuda a desenvolver».³⁶ Mais do que isto, o evangelho de Mateus não é simplesmente uma história como o de Marcos, que «por exemplo, carece do relato do início da vida de Jesus e dos anos anteriores ao seu ministério público, que se encontra no primeiro evangelho. Por isso, têm razão aqueles que insistem no facto de que o evangelho de Mateus é antes uma “biografia” que segue em parte os antigos».³⁷

³³ Keener, 13.

³⁴ Schmid, *El evangelio según san Mateo*, 14.

³⁵ Keener, *The Gospel of Matthew*, 6.

³⁶ Michelini, *Matteo*, 10.

³⁷ Michelini, *Matteo*, 11.

Existem, no entanto, outras hipóteses acerca do gênero literário do primeiro evangelista. Um destacam a relação do evangelho com a liturgia judaica, isto é, o evangelho teria nascido como um lecionário que acompanhava o ano litúrgico. Outras acreditam que o primeiro evangelho seria uma reescrita de uma obra anterior. Esta releitura seria necessária devido à crise sucessiva que se deu por volta do ano 70 d.C., com a destruição de templo, tendo sido urgente reformular o conceito da presença de Deus.

Estudos recentes destacam o caráter narrativo do relato de Mateus. A sua análise centra-se na ordem causal dos acontecimentos da história de Jesus, desde a sua apresentação até à sua morte e ressurreição. «Ao centrarmo-nos no estudo sincrónico do primeiro evangelho, alcançamos uma compreensão do mesmo enquanto relato unitário, chegamos a penetrar com maior profundidade o seu horizonte teológico e, em particular, cristológico, por sua vez, aproximamos o leitor de hoje na mensagem que Mateus comunica».³⁸ «Assim, definimos a narração como a história a que uma instância se refere por meio de um discurso, constituindo uma sequência temporal própria, capaz de revelar o modo de ser e manifestar-se ao homem, a identidade humana, que o leitor reconstrói no processo de leitura».³⁹

A aplicação desta definição ao primeiro evangelho permite-nos uma abertura de horizontes na compreensão do seu sentido e da sua finalidade. No núcleo desta investigação estão três importantes categorias narrativas: tempo, modo e voz.

Hannah Arendt sublinha que «a narração tem a capacidade de fazer tangível a identidade humana que é precisamente no relato de histórias onde as ações adquirem significado».⁴⁰ Deste ponto de vista, o ser humano revela a sua identidade pessoal através do que diz e do que faz, discurso e ação. A narração tem a capacidade de ajudar a determinar a originalidade teológica de cada obra e apresenta-nos pistas de reflexão sobre a cristologia existente. «No evangelho de Mateus não encontramos definições categóricas sobre o ser de Jesus, porém, sua leitura responde à pergunta sobre quem é Ele, porque sua identidade manifesta-se por meio do mesmo relato».⁴¹

Ler Mateus como um todo narrativo está em concordância com o gênero literário da sua obra, a biografia. A tendência atual é considerar os evangelhos como biografias antigas. Esta análise ganhou protagonismo através de uma monografia de Cambridge, de Richard Burridge, o qual, depois de definir os critérios de classificação deste gênero literário e de estabelecer os

³⁸ Oliver, *Jesús según San Mateo*, 15.

³⁹ Oliver, 16.

⁴⁰ Oliver, 32.

⁴¹ Oliver, 50.

traços que caracterizavam a vida greco-romana, demonstra como os evangelhos se podem caracterizar neste género literário. «Os biógrafos antigos não escreveram como os biógrafos modernos; eles poderiam começar na idade adulta do sujeito; eles também tinham a liberdade de reorganizar o seu material tematicamente em vez da ordem cronológica».⁴² Independentemente de não escreverem de acordo com a forma atual das biografias, tinham a preocupação de escrever a história tão bem quanto os recursos que tinham à sua disposição permitiam.

Os historiadores e os biógrafos têm alguns pontos comuns. No entanto, os biógrafos centram-se na pessoa, na virtude dos protagonistas e escrevem, geralmente, para um público mais genérico. Por outro lado, os historiadores centram-se mais nos eventos do que nas pessoas.

A forma de distinguir as obras judaicas nesta continuidade entre as obras históricas e os romances que envolvem personagens históricos é avaliar o seu grau de fidelidade a fontes anteriores. A esse respeito, Mateus e Lucas, cuja fidelidade podemos testar em algumas das suas fontes, ocupam um lugar de destaque entre as obras antigas».⁴³

Assim como os historiadores planeavam as suas obras, Mateus faz a mesma coisa, uma vez que ele não é apenas um biógrafo, mas também intérprete. Não conta apenas uma história, interpreta-a de acordo com os dados que tem à sua disposição, o que lhe permitiu traçar uma imagem consideravelmente confiável de Jesus, possibilitando que a tradição fosse transmitida cuidadosamente e de forma estável, tendo em conta a proximidade que mantinha dos eventos descritos. Um discípulo é capaz de organizar os ditos do seu mestre de acordo com as questões que se sente compelido a abordar.

4. Macroestrutura do Evangelho

De forma geral e apoiando-nos no livro de Salvador Carrillo Alday, *El evangelio según san Mateo*, o evangelho de Mateus, na sua globalidade, é composto por sete partes:

1. Origem e nascimento de Jesus (1-2);
2. Promulgação do Reino dos Céus (3-7);
3. Pregação do Reino dos Céus (8-10);
4. Mistério do Reino dos Céus (11-13);

⁴² Keener, *The Gospel of Matthew*, 18.

⁴³ Keener, 21.

5. A Igreja, primeiros frutos do Reino dos Céus (13,53-18,35);
6. Próxima vinda do Reino dos Céus (19,1-25,46);
7. Paixão e ressurreição de Jesus (26,1-28,20).

A passagem que nos propusemos analisar (Mt 16, 13-20) insere-se na quinta parte desta estrutura global, mais precisamente na secção narrativa (13,53-17,27): «Acontecimentos diversos preparam de maneira global as diretivas do seguinte discurso. Jesus dedica-se à formação dos discípulos».⁴⁴

Outra possível estrutura para melhor compreendermos este evangelho é-nos dada pela Bíblia de Estudo Almeida, que o divide em cinco partes:

1. Infância de Jesus (1,1-2,23)
 - Genealogia de Jesus Cristo (1,1-17)
 - Nascimento e infância de Jesus (1,18-2,23)
2. Começo do ministério de Jesus (3,1-4,11)
 - Pregação de João Batista (3,1-4,11)
 - Antecedentes do ministério de Jesus (3,13-4,11)
3. Ministério de Jesus na Galileia (4,12-13,58)
 - Começo do ministério (4,12-25)
 - O sermão do monte (5,1-7,29)
 - Atividades de Jesus (8,1-9,38)
 - Instrução dos apóstolos (10,1-11,1)
 - Atividades de Jesus (11,2-12,50)
 - As parábolas do Reino (13,1-58)
4. Ministério de Jesus em diversas regiões (14,1-20,34)
 - Atividades de Jesus (14,1-17,27)
 - Sermão sobre a vida da comunidade (18,1-35)
 - Atividades de Jesus (19,1-20,34)
5. Jesus em Jerusalém: semana da paixão (21,1-28,20)

⁴⁴ Salvador Alday, *El evangelio según san Mateo* (Espanha: Editorial Verbo Divino, 2010), 26.

- Atividades de Jesus (21,1-23,39)
- Sermão sobre o final dos tempos (24,1-25,46)
- Paixão, morte e ressurreição (26,1-28,20)

Como Marcos, o evangelho de Mateus contará, numa primeira parte, o anúncio que Jesus faz do Reino de Deus, através de seus ensinamentos e suas curas, com a preparação longínqua da Igreja; e, numa segunda parte, o evangelista mostra a maneira como o Mestre, caminhando para a sua paixão, reúne seus discípulos a fim de constituir a comunidade, testemunha do Reino em gênese.⁴⁵

Seguindo a edição provisória da CEP, a estrutura deste evangelho contém quatro partes:

1. Evangelho da infância de Jesus (1-2)
2. Manifestação pública de Jesus (3-4)
3. O anúncio do reino (5-25)
 - Discurso da montanha (5,1-7,29) com as Bem-aventuranças (5,1-12)
 - Primeiros sinais do reino (8,1-9,38) e o discurso missionário (10)
 - Ensinamentos sobre o reino (11,1-12,50) e o discurso das parábolas do reino (13,1-52)
 - Outros ensinamentos sobre o reino (13,53-17,27) e o discurso eclesial (18)
 - Subida e ministério em Jerusalém (19-23) e discurso escatológico (24-25)
4. Paixão, morte e ressurreição (26-28)

Esta divisão obriga-nos a considerar e a relevar os cinco grandes discursos de Jesus, que são mais desenvolvidos em Mateus que nos outros sinóticos, em cinco blocos narrativos. Alguns chegaram a comparar os cinco discursos com os cinco livros do Pentateuco. Apesar da semelhança de numeração, não existem dados que nos permitiram ir além desta semelhança. Talvez a divisão em cinco partes fosse popular na época.

Analisando estas diferentes estruturas, podemos evidenciar que a primazia recai sobre o evangelho de infância; os cinco discursos e o relato da paixão, morte e ressurreição de Jesus. A estrutura e a composição deste evangelho mostram que Mateus está embrenhado pela literatura judaica e distingue-se da dos outros sinóticos. «Mateus coloca uns junto a outros, na medida do possível, passagens que oferecem entre si algum contato ou analogia temática, sem ter em conta

⁴⁵ Carlos Cunha, «Introdução ao Evangelho de Mateus», acessado a 1 de março de 2022, <https://teologiadefronteira.wordpress.com/2012/09/>.

o seu contexto ou situação histórica originária, formando com eles novas e extensas unidades».⁴⁶

Uma nota a ressaltar, independentemente da estrutura que mais nos agrada, é a forma com o primeiro evangelista termina o seu evangelho, ressaltando e ligando aqueles que foram os seus temas mais predominantes ao longo da sua obra: a autoridade de Jesus, reino dos céus, todos os povos, Deus «connosco», discipulado, ensino de Jesus, entre outros.⁴⁷ É possível notar, ainda, uma inclusão. O Emanuel, o Deus connosco de Mt 1, 23, é agora retomado na promessa conclusiva «Eu estou convosco» (Mt 28, 20). «Tal clímax ajusta-se às expetativas retóricas para discursos e muitas obras. Os discursos muitas vezes incluíam um resumo final ou recapitulação; epílogos do astuto retórico muitas vezes resumiam a obra precedente».⁴⁸

⁴⁶ Schmid, *El evangelio según san Mateo*, 37-38.

⁴⁷ Cf. Keener, *The Gospel of Matthew*, xlix.

⁴⁸ Keener, 1.

CAPÍTULO 2 – CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DE MT 16, 13-20

Este capítulo irá incidir sobre aspetos específicos relacionados com a passagem em estudo. Se o capítulo anterior nos deu noções gerais do evangelho de Mateus, estamos aptos para destacar certas características do primeiro evangelista que se tornam evidentes tendo em conta o que afirmamos no primeiro capítulo. Partiremos com a tradução da passagem, analisaremos a mesma, faremos uma breve síntese da questão sinótica e terminaremos com os títulos cristológicos.

1. Texto grego e tradução

Para sermos mais fiéis, começamos por analisar o texto original, em grego.

13 Ἐλθὼν δὲ ὁ Ἰησοῦς εἰς τὰ μέρη Καισαρείας τῆς Φιλίππου ἠρώτα τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ λέγων τίνα λέγουσιν οἱ ἄνθρωποι εἶναι τὸν Υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου;

14 Οἱ δὲ εἶπαν Οἱ μὲν Ἰωάννην τὸν Βαπτιστὴν ἄλλοι δὲ Ἡλίαν ἕτεροι δὲ Ἰερεμίαν ἢ ἓνα τῶν προφητῶν.

15 Λέγει αὐτοῖς Ὑμεῖς δὲ τίνα με λέγετε εἶναι;

16 Ἀποκριθεὶς δὲ Σίμων Πέτρος εἶπεν Σὺ εἶ ὁ Χριστὸς ὁ Υἱὸς τοῦ Θεοῦ τοῦ ζῶντος.

17 Ἀποκριθεὶς δὲ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτῷ Μακάριος εἶ Σίμων Βαριωνᾶ ὅτι σὰρξ καὶ αἷμα οὐκ ἀπεκάλυψέν σοι ἀλλ' ὁ Πατήρ μου ὁ ἐν τοῖς οὐρανοῖς.

18 καὶ γὰρ ἐγὼ σοὶ λέγω ὅτι σὺ εἶ Πέτρος καὶ ἐπὶ ταύτῃ τῇ πέτρᾳ οἰκοδομήσω μου τὴν ἐκκλησίαν καὶ πύλαι ᾗδου οὐ κατισχύσουσιν αὐτῆς.

19 δώσω σοὶ τὰς κλεῖδας τῆς βασιλείας τῶν οὐρανῶν καὶ ὃ ἐὰν δήσης ἐπὶ τῆς γῆς ἔσται δεδεμένον ἐν τοῖς οὐρανοῖς καὶ ὃ ἐὰν λύσης ἐπὶ τῆς γῆς ἔσται λελυμένον ἐν τοῖς οὐρανοῖς.

20 Τότε διεστείλατο τοῖς μαθηταῖς ἵνα μηδενὶ εἴπωσιν ὅτι αὐτός ἐστιν ὁ Χριστός.⁴⁹

Mesmo não fazendo uma tradução pessoal do texto em questão, posteriormente isolarei algumas palavras e compará-las-ei com algumas traduções existentes para, deste modo, encontrarmos um sentido mais fiel ao que o texto nos diz. Usaremos, preferencialmente, a tradução da CEP.

¹³Ao ir Jesus para a região de Cesareia de Filipe, perguntava aos seus discípulos, dizendo: “Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?”.

⁴⁹ Erwin Nestle, Eberhard Nestle e Kurt Aland, *Novum Testamentum Graece* (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012), 51-52.

¹⁴Eles responderam: “Uns, João Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas”.

¹⁵Disse-lhes: “Vós, porém, quem dizeis que Eu sou?”.

¹⁶Respondendo, Simão Pedro disse: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”.

¹⁷Então, em resposta, Jesus disse-lhe: “És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi nem a carne nem o sangue que te o revelou, mas o meu Pai que está nos céus.

¹⁸E também eu te digo: “tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

¹⁹Dar-te-ei as chaves do reino dos céus: o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus”.

²⁰Admoestou então os discípulos para que não dissessem a ninguém que ele era o Cristo. (Mt 16, 13-20)

Apesar de esta ainda ser uma tradução em estudo, pareceu-nos estar bem concebida e, portanto, foi a escolhida para este trabalho científico.

2. Estrutura de Mt 16, 13-20

Parece-nos interessante, além de apresentar a estrutural geral do evangelho, também construir uma estrutura para a passagem em estudo. Depois de uma mudança de lugar, que está presente no início da passagem, podemos dividi-la da seguinte forma:

- 1) Diálogo de Jesus com os discípulos (vv. 13 – 16)
- 2) Pequeno discurso de Jesus (vv. 17-19)
- 3) Apelo a não contar a ninguém (v. 20)

A passagem desempenha inquestionavelmente um papel importante em todo o evangelho. Não só desperta memórias de 14, 25 (v. 14); 14, 33 (v. 16) e 13, no (v. 17), mas sobretudo do texto fundamental sobre a revelação do Filho (11, 25-27). E não apenas prelude 18, 18 (v. 19), e o ditado 23, 13 sobre os fariseus que impedem a entrada no reino dos céus (v. 19), como acima de tudo a cena fundamental da revelação perante o Sinédrio (26, 61-64). Lá, Pedro está longe (26, 58) e o sumo-sacerdote adota o seu papel numa inversão característica.⁵⁰

⁵⁰ Ulrich Luz, *El evangelio según San Mateo* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2001), 594.

3. Delimitação textual

A delimitação textual da passagem em análise (Mt 16, 13-20) evidencia-se, num primeiro momento, pela expressão *Ἐλθὼν* (ao ir), que indica uma mudança de lugar, a sugerir também uma mudança textual ou temporal. Analisando o versículo final do capítulo anterior, podemos concluir que Jesus vem do mar da Galileia e chega à região de Cesareia de Filipe. Esta região situa-se a norte, na fronteira com Israel, e é pagã.

Também os verbos são diferentes das passagens antecedentes (Mt 16, 5-12) e subsequentes (Mt 16, 21-23). Na passagem anterior, os verbos mais usados são «ver», «discutir», «compreender»; na atual, são «dizer», «ser», «responder», «revelar», «ligar» e «desligar»; na posterior, são «mostrar», «sofrer», «partir» e «ressuscitar».

Poderíamos classificar este relato como um jogo de pergunta e resposta, uma vez que Pedro, num primeiro momento, tomando a iniciativa, responde à interrogação de Jesus. Num segundo momento, dá-lhe uma resposta mais concisa, de grande valor teológico, uma vez que não diz apenas «Tu és o Cristo» (Mc 8,29), mas «Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo (Mt 16, 16). Ou seja, reconhece Jesus como messias, apesar de ainda não ter consciência do messianismo de Jesus, o que se evidencia na sua reação ao primeiro anúncio da paixão que Jesus faz na continuidade desta passagem.

Este jogo de pergunta e resposta é seguido por duas revelações. Primeiramente, Jesus reconhece que a segunda resposta de Pedro é uma revelação de Deus: «És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi nem a carne nem o sangue que te o revelou, mas o meu Pai que está nos céus». (Mt 16, 17) Depois desta revelação, Jesus continua neste registo e revela a identidade de Pedro: «E também Eu te digo: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja». A mudança de um nome, na Bíblia, está relacionada com o início de uma nova missão na vida do personagem. Assim, «com seu novo nome, Simão recebe a missão de ser uma rocha sobre a qual se pode edificar firme e consistentemente».⁵¹ Deste modo, é dito claramente que Simão é a rocha sobre a qual Jesus irá edificar a sua Igreja.

Até à passagem que estamos a analisar, a dinâmica do evangelho é maioritariamente gloriosa, uma vez que apresenta a origem (humana e divina) de Jesus e a sua manifestação pública, ressaltando os milagres e curas que realizou. A partir desta passagem, perspectiva-se um desfecho trágico, pressupõe-se um sentido de Messias que não era o esperado, um Messias que tinha de sofrer e morrer.

⁵¹ Alday, *El evangelio según san Mateo*, 219.

Os personagens principais deste excerto textual são Jesus e Pedro. Se é verdade que Pedro reconhece Jesus como o Filho de Deus e não como um simples profeta, poderíamos também questionar-nos sobre o papel de Pedro e o significado inerente ao mesmo. Podemos referir-nos a Pedro como: um simples pescador que Jesus chamou para a sua missão; um esperançoso crente que foi o primeiro a reconhecer Jesus como Filho de Deus; o discípulo aterrorizado que O negou três vezes; ou o líder da igreja primitiva que hoje consideramos como o primeiro Papa.⁵² «Ora, Pedro é tudo isto e até mais. A Bíblia dá-nos o perfil de um líder muito humano, com pecados e fraquezas, muitos talentos e uma grande fé».⁵³

4. Morfologia do texto

Analisando o texto de forma mais profunda e num sentido literário, encontramos três figuras de estilo muito evidentes. Duas metáforas: «tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja...» (Mt 16, 18) – está relacionada com a missão de Pedro na Igreja; «Dar-te-ei as chaves do reino dos céus» (Mt 16, 19) - aqui podemos seguir duas linhas de pensamento. A de uma casa que precisa de chaves para conseguir abrir os portões ou podemos considerar que a entrega de uma chave a uma pessoa significa que se lhe atribui responsabilidade e confiança. Neste contexto, há uma mudança na figura de Pedro. Aquele que foi o fundamento sobre o qual a Igreja se edificou é agora o seu cuidador e tem poder para ligar e desligar, segundo a orientação do Espírito Santo. É possível encontrar ainda um paralelismo: «o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus». (Mt 16, 19) O redobro presente em *δεδεμένον/λελυμένον*, que é traduzido por ligar/desligar, indica que estes verbos estão no perfeito da voz passiva, ou seja, esta ação não terminou, mas é contínua.

Parece ainda importante, para o estudo científico, analisar minimamente as preposições, os substantivos, os adjetivos, os pronomes, os advérbios e os verbos presentes na passagem em estudo, uma vez que eles nos podem fornecer pormenores importantes, que irão mudar a forma como vemos e abordamos o texto. Para tal, iremos construir tabelas que nos permitem ver do que estamos a falar e que nos facilitam a leitura. A opção por várias tabelas deve-se ao facto de não bastar uma para que o material seja perceptível. Acreditamos que, deste modo, conseguimos expor o que queremos dizer de forma mais inteligível. Esta análise será feita a partir do original grego.

| |
|-------------|
| Preposições |
|-------------|

⁵² Cf. Bíblia Sagrada (Lisboa: Paulus Editora, 2012), 1396.

⁵³ Bíblia Sagrada, 1396.

| |
|-----------------|
| εἰς (para) |
| ἐν (que) |
| ἐπὶ (sobre, na) |

| Substantivos |
|--------------------------|
| Ἰησοῦς (Jesus) |
| μέρη (região) |
| Καισαρείας (de Cesareia) |
| Φιλίππου (Filipe) |
| μαθητὰς (discípulos) |
| Ἰωάννην (João) |
| Βαπτιστήν (Batista) |
| Ἠλίαν (Elias) |
| Ἰερεμίαν (Jeremias) |
| προφητῶν (profetas) |
| Σίμων (Simão) |
| Πέτρος (Pedro) |
| Χριστὸς (Cristo) |
| Βαριωνᾶ (filho de Jonas) |
| σὰρξ (carne) |
| αἷμα (sangue) |
| Πατήρ (Pai) |
| μου (eu, meu) |
| οὐρανοῖς (céus) |
| πέτρα (pedra) |
| ἐκκλησίαν (igreja) |

| |
|----------------------------------|
| πύλαι (portas) |
| ᾅδου (Hades, inferno, invisível) |
| κλεῖδας (chaves) |
| βασιλείας (Reino) |
| οὐρανῶν (céus) |
| γῆς (terra) |

| Pronomes pessoais | Pronomes demonstrativos |
|--------------------------|-------------------------|
| αὐτοῦ (seus) | ταύτη (esta) |
| αὐτοῖς (lhes, para eles) | |
| Ἑμεῖς (vós) | |
| με (eu) | |
| Σὺ (Tu) | |
| αὐτῷ (para ele, lhe) | |
| σοι (tu) | |
| σὺ (tu) | |
| μου (minha) | |
| αὐτῆς (ela) | |

| Adjetivos | Advérbios |
|------------------|------------------|
| ἄλλοι (outros) | καὶ γὰρ (também) |
| ἕτεροι (outros) | οὐ (não) |
| ἓνα (um) | Τότε (então) |
| Μακάριος (feliz) | |
| μηδενὶ (ninguém) | |

| Verbos |
|--|
| Ἐλθὼν (ao ir), particípio aoristo, ativo |
| ἠρώτα (perguntava), imperfeito do indicativo, ativo |
| λέγων (dizendo), presente do particípio, ativo |
| λέγουσιν (dizem), presente do indicativo, ativo |
| εἶναι (ser), presente do infinitivo, ativo |
| εἶπαν (disseram), indicativo aoristo, ativo |
| Λέγει (disse), presente do indicativo, ativo |
| λέγετε (dizeis), presente do indicativo, ativo |
| εἶναι (ser), presente do infinitivo, ativo |
| Ἀποκριθεὶς (respondendo, em resposta), particípio aoristo, passivo |
| εἶπεν (disse), indicativo aoristo, ativo |
| εἶ (és), presente do indicativo, ativo |
| ἀπεκάλυψέν (revelou), indicativo aoristo, ativo |
| λέγω (digo), presente do indicativo, ativo |
| οἰκοδομήσω (edificarei), futuro do indicativo, ativo |
| κατισχύσουσιν (prevalecerão), futuro do indicativo, ativo |
| δώσω (darei), futuro do indicativo, ativo |
| δήσης (ligares), subjuntivo aoristo, ativo |
| ἔσται (será), futuro do indicativo, médio |
| δεδεμένον (ligado), particípio perfeito, passivo |
| λύσης (desligares), subjuntivo aoristo, ativo |
| λελυμένον (desligado), particípio perfeito, passivo |
| διεστείλατο (admoestou) indicativo aoristo, médio |
| εἴπωσιν (dissessem), subjuntivo aoristo, ativo |
| ἔστιν (era), presente do indicativo, ativo |

5. Questão sinótica

«Jesus não escreveu nada. Nem deu aos seus apóstolos o encargo de registrar por escrito a mensagem de salvação anunciada por ele ou de escrever a história da sua vida terrena». ⁵⁴ Para manter a fidelidade da mensagem evangélica, apareceram estes escritos, a fim de despertar uns para a fé e confirmar outros.

Os Evangelhos sinóticos designam-se deste modo «porque apresentam entre si tais semelhanças que podem pôr-se em colunas paralelas e abarcar-se “em um olhar”, que é o significado da palavra “sin-óptico”». ⁵⁵ O material comum aos sinóticos aparece, de forma geral, na mesma ordem em todos, com exceção da primeira parte da obra de Mateus, que só a partir do capítulo catorze é que é comum, tanto de conteúdo como de ordem, aos restantes.

No entanto, também apresentam diferenças. Como é que podemos explicá-las? Para as compreendermos, precisamos de partir de dois princípios: a tradição oral e a tradição escrita. Primeiramente, teremos de compreender que «antes de serem postos por escrito, os evangelhos, ou pelo menos um grande quantidade dos materiais que contêm se transmitiram oralmente». ⁵⁶ Um mesmo acontecimento podia ser narrado de forma diferente, de acordo com a situação concreta do narrador e dos seus ouvintes, ou seja, tinha-se de se ter em conta a comunidade para a qual se anunciava. «É, pois, na tradição oral onde há que buscar a causa primeira das semelhanças e divergências entre os Sinóticos». ⁵⁷

Jesus usa muitas vezes parábolas, hipérboles e outras técnicas retóricas padrão para comunicar a sua mensagem. Este estilo não só ajuda a comunicar a sua mensagem, mas permite que esta seja mais fácil de memorizar. Desta forma, podemos concluir que é bem provável que os discípulos de Jesus se lembrassem dos seus ensinamentos e os transmitissem com fidelidade. «A sociedade mediterrânea antiga como um todo também enfatizou a memória. Assim, por exemplo, os oradores romanos memorizavam regularmente os seus discursos mesmo quando estes duravam várias horas». ⁵⁸

A tradição oral, por si só, não consegue explicar as numerosas semelhanças dos Sinóticos. Os evangelistas, ao porem este material oral por escrito, ampliaram-no e ordenaram-no de acordo com os objetivos de cada um. O problema sinótico não foi visto como tal até aos finais do século XVIII. Para tal, houve três hipóteses para o solucionar: a hipótese de um evangelho primitivo, a hipótese da tradição e a hipótese da utilização. A primeira hipótese,

⁵⁴ Schmid, *El evangelio según san Mateo*, 11.

⁵⁵ Antonio Carmona, *Evangelio de Mateo*, (Bilbao: Editorial Desclée De Brouwer, 2006) 27.

⁵⁶ Carmona, *Evangelio de Mateo*, 27.

⁵⁷ Carmona, 28.

⁵⁸ Keener, *The Gospel of Matthew*, 28.

«fundada por Lessing (1778) e J. G. Eichhorn (1804), põe no princípio da tradição evangélica um Evangelho primitivo, hebraico ou aramaico, que certamente teria sido traduzido para o grego, de cuja elaboração seriam resultado os nossos evangelhos canónicos». ⁵⁹ Esta teoria é suficiente para explicar as semelhanças entre os mesmos, mas não as diferenças e não encontra na atualidade nenhum defensor.

A hipótese da tradição defendida por J. C. L. Gieseler em 1818 tem como tese a existência «de um evangelho proveniente dos apóstolos, em princípio em aramaico, não escrito, mas estereotipado na sua ordenação e na forma textual». ⁶⁰ Esta hipótese apoia-se, sobretudo, no facto de que primeiramente a tradição evangélica se conservou e anunciou oralmente. Contudo, também esta hipótese é insuficiente porque não explica as variadas semelhanças dos sinóticos, quer a nível estrutural quer a nível da forma textual e principalmente não explica a igual sucessão de diversas passagens, mantidas ao longo de numerosos capítulos. «Precisamente a ordem das diversas passagens particulares, não pode ser rastreada até o estágio pré-literário da tradição, mas tem que ser atribuído na sua maior parte ao trabalho redacional dos evangelistas». ⁶¹ Exemplos da insuficiência desta teoria são as diferenças que encontramos nos Sinóticos, em textos com o Pai-Nosso e as palavras de Jesus, ao instituir a eucaristia. Se a tradição evangélica estivesse estereotipada, tais diferenças não existiriam.

A tese da hipótese da utilização consiste em afirmar que os Sinóticos têm uma relação de parentesco literário entre si, o que permite uma diversidade de suposições. Ou seja, dependem uns dos outros, mas cada um tem fontes próprias. De forma geral, ainda não se encontrou uma hipótese que solucione a questão sinótica de forma cabal. No entanto, a hipótese da utilização «parece mostrar-se suficiente para explicar os fatos de maneira fácil e satisfatória em todos os pontos essenciais; esta teoria parte – único procedimento que metodicamente se ajusta à realidade – dos mesmos factos e explica a concordância dos três Evangelhos relativamente à seleção do material, ordenação do mesmo e forma literal do texto». ⁶² Têm ainda em conta que os evangelistas elaboravam as suas obras e não eram meros copistas, o que permite explicar as diferenças entre os textos, na forma ou na ordem.

É neste sentido que o texto que estamos a estudar também apresenta diferenças entre os sinóticos, sendo muito mais desenvolvido em Mateus do que em Marcos e Lucas. Para analisar tais diferenças e semelhanças, segue-se o seguinte esquema onde estão presentes expressões

⁵⁹ Schmid, *El evangelio según san Mateo*, 26.

⁶⁰ Schmid, 26.

⁶¹ Schmid, 26-27.

⁶² Schmid, 32.

que queremos destacar, não toda a passagem. Queremos essencialmente incidir nas duas perguntas que Jesus faz e nas respetivas respostas.

| Mateus | Marcos | Lucas |
|---|---|---|
| «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?» | «Quem dizem os homens que Eu sou?» | «Quem dizem as multidões que Eu sou?» |
| Eles disseram: «Uns, João Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas» | Eles disseram-lhe: «João Batista; outros, Elias; e outros, um dos profetas» | «João Batista; outros, Elias; e outros, que um profeta dos antigos ressuscitou» |
| «Vós, porém, quem dizeis que Eu sou?» | «Vós, porém, quem dizeis que Eu sou?» | «Vós, porém, quem dizeis que Eu sou?» |
| «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo» | «Tu és o Cristo» | «O Cristo de Deus» |

Depois desta resposta de Pedro, em Marcos e Lucas, Jesus recomenda aos discípulos para guardarem silêncio e apresenta-lhes o seu messianismo. Em Mateus, apesar de terminar de forma semelhante, antes temos a imanência do primado petrino, onde Jesus apresenta Pedro como o fundamento e o cuidador da sua Igreja. «Mateus fala, pois, do Pedro histórico, mas interpreta a sua função à luz da sua experiência eclesial, uns vinte anos depois da sua morte, superando assim a visão restritiva de Mc 8, 29».⁶³ Face aos outros evangelistas sinóticos, na questão de quem dizem os homens que é Jesus, Mateus «adiciona a figura de Jeremias, talvez porque permite entender melhor Jesus como profeta imerso numa história de sofrimento ao serviço de Deus».⁶⁴ No entanto, os discípulos não contavam este caminho, é o que podemos deduzir das suas reações ao primeiro anúncio da paixão que se faz a seguir a esta passagem.

Os Evangelhos querem levar-nos a um encontro com Jesus, que está vivo. Não conhecemos Jesus através de datas, mas pela sua vida, palavras, sentimentos e ações. Se os evangelhos nos põem em contato com este Jesus vivo e verdadeiro, «as diferenças entre os

⁶³ Xabier Pikaza, *Evangelio de Mateo: De Jesús a la Iglesia* (Estella: Editorial Verbo Divino, 2017), 528.

⁶⁴ Pikaza, *Evangelio de Mateo*, 529.

diferentes autores simplesmente confirmam a vivência e a força desta experiência». ⁶⁵ Podemos concluir que dos sinóticos, Mateus é o único que fala do primado petrino e é evangelho mais completo, no que diz respeito a esta passagem.

6. Títulos cristológicos

A partir da análise sinótica que acabamos de realizar, é possível verificar que, nesta passagem, há dois títulos cristológicos que Mateus apresenta e que não são apresentados por Lucas e Marcos: Filho do Homem e Filho de Deus. Além dos dois anteriormente enunciados, ainda temos o título de Messias (Cristo). Devido à importância que ocupam na leitura destes versículos, e na obra em geral, iremos tentar definir o que significa cada um para chegarmos a uma melhor compreensão do texto em questão.

Mateus retrata Jesus de várias maneiras: como mestre, no sermão da montanha, e como profeta, comparando-o a Jeremias. Mais importante do que os retratos de Jesus como mestre e profeta é a apresentação que o primeiro evangelista faz de Jesus como o verdadeiro rei de Israel, isto é, o Messias esperado. O termo messias é originário da língua hebraica e significa «ungido», que os evangelistas também traduzem por Cristo. Expressa um estatuto especial da pessoa consagrada, uma vez que é ungida por Deus e, deste modo, protegida e autorizada por Ele.

«Os ensinamentos de Jesus têm uma autoridade tão especial para a audiência judeo-cristã de Mateus precisamente porque ele é o rei designado por Deus». ⁶⁶ A maioria do povo esperava que a promessa de um rei esperado se cumprisse e, por isso, estava a viver uma expectativa messiânica do ungido. «Neste sentido, o Antigo Testamento proporciona impulso e pré-história para uma expectativa messiânica ramificada, isto é, para “uma messianologia no futuro” que vem formando e modelando tanto o judaísmo primitivo como o Novo Testamento». ⁶⁷ As promessas messiânicas são parte das expectativas veterotestamentárias de salvação.

Mateus já apresenta Jesus como o Cristo desde a sua genealogia. Todavia, a comunidade não tinha uma ideia bem formulada de como seria esse Messias. A maioria esperava um Messias guerreiro. Esta conceção também é partilhada pelos discípulos, uma vez que nem eles, num primeiro momento, compreenderam o messianismo de Jesus. A «incompreensão dos discípulos serve de motivo para a teoria do mistério: na verdade, os discípulos recebem uma revelação

⁶⁵ Instituto Nacional de Pastoral, *Introducción a los Evangelios Sinópticos* (s. l.: Editora Amigo del Hogar, 2015), 18.

⁶⁶ Keener, *The Gospel of Matthew*, 61.

⁶⁷ Frank-Lothar Hossfeld, «Mesías», em *Diccionario enciclopédico de exegésis y teología bíblica*, ed. Walter Kasper, Tomo I (Barcelona: Herder Editorial, 2011), 1058.

secreta, mas não a entendem». ⁶⁸ É próprio de Jesus não revelar publicamente o seu messianismo (segredo messiânico). Jesus atuou como Messias, mas o seu messianismo devia permanecer oculto até à ressurreição. É por isso que, depois dos discípulos o reconhecerem como Messias, Ele lhes pede para não contarem a ninguém. «Jesus, o Cristo, é o Messias prometido por Deus, mas a revelação do seu messianismo, sem rejeitar Israel nem a sua esperança, rasga novos e insuspeitáveis horizontes, porque se reveste, não apenas da tradição do passado, mas sobretudo da sua própria vida e palavra, que o revelam como Filho do Homem e Filho de Deus». ⁶⁹ Só depois da sua morte é que os discípulos compreenderam o significado do seu messianismo, que não era deste mundo. «Mateus claramente pretendia que a morte de Jesus fosse vista como um evento salvador, o evento salvador». ⁷⁰

Outro título cristológico é Filho de Deus. Com este título, Mateus introduz-nos na linguagem da filiação. «'Filiação' refere-se a um especial estatuto e relacionamento com Deus. À medida que a história de Mateus se desenrola, o sentido do que pode significar identificar Jesus como o Filho também se revela em toda a sua riqueza e variedade». ⁷¹ Jesus é o Filho Deus como o Messias esperado também é tido como Filho de Deus, ou seja, recebeu de Deus o que Deus lhe dispôs, podendo, portanto, falar com autoridade do Pai e sobre o Pai. «Além disso, na tradição evangélica existente, Jesus não é meramente um filho de Deus, mas o Filho de Deus, seu amado e único Filho». ⁷²

Os milagres de Jesus são exemplos desta autoridade. Esta denominação vai ao encontro do segredo messiânico, uma vez que não é Jesus que reclama este título para si, são os outros que o reconhecem como tal. Este nome quer acentuar o sentido salvífico que Jesus representa. A sua finalidade é primariamente escatológica e tem por base a experiência pascal. «Com a interpretação da ressurreição de Cristo como sua constituição como Filho de Deus põe-se em andamento uma dinâmica cristológica que leva a uma iluminação retrospectiva da existência total de Jesus como existência do Filho de Deus». ⁷³ Desta forma, dá-se a conhecer Jesus ao ser humano como o rei do fim dos tempos, por meio do qual Deus põe em marcha a obra da redenção. O Filho de Deus está marcado pela experiência da cruz, onde a encarnação alcança a sua consumação. Este título «aparece em momentos cruciais do relato: batismo (3, 17),

⁶⁸ Rudolf Bultmann, *Teologia do Novo Testamento*, trad. Ilson Kayser (Santo André: Editora Academia Cristã, 2008), 72.

⁶⁹ José Ornelas Carvalho, «Origem e evolução do messianismo em Israel», *Didaskalia* XXX, n. 1 (2000): 51.

⁷⁰ Nolland, *The new international greek testament commentary*, 41.

⁷¹ Nolland, 42.

⁷² Keener, *The Gospel of Matthew*, 64.

⁷³ Joachim Kugler, «Hijo de Dios», em *Diccionario enciclopédico de exégesis y teología bíblica*, ed. Walter Kasper, Tomo I (Barcelona: Herder, 2011), 756.

confissão de Pedro (16, 16 representando a confissão de fé da Igreja), transfiguração (17, 5), julgamento e cruz (23, 63; 27, 40. 43. 54)». ⁷⁴

Em terceiro lugar, a expressão Filho do Homem dá a Mateus outra posição importante para a compreensão de Jesus. O uso desta expressão é muitas vezes relacionado com o livro de Daniel, mais precisamente Dn 7. «Aqui está uma figura com plena autoridade para perdoar os pecados. Aqui está uma figura cuja vinda aliviará os discípulos missionários do ciclo da perseguição e fuga que se tornou seu destino. De facto, aqui está uma figura cuja vinda trará a resolução escatológica final de toda a história humana». ⁷⁵ Nos primeiros textos do cristianismo, esta expressão aparece quase exclusivamente na boca de Jesus. Aquele que sofreu antes de ser exaltado é o precursor da sua comunidade de fé. É esperança para aqueles que sofrem, de que um dia, também eles, serão exaltados. «Este título baseia-se na figura misteriosa de Dn 7, 13-14, que também está relacionada com o tema do reino. Provavelmente, a identificação de Jesus terrena com esta figura celestial teria sido realizada pela Q (não pelo próprio Jesus); a ser assim, Mateus teria desenvolvido ainda mais a ligação entre ambos». ⁷⁶

Deste modo, «Kingsbury sugere que “Filho de Deus” revela a identidade de Jesus em Mateus, enquanto “Filho do Homem” é o seu título público, enfatizando como Jesus se deve relacionar com um mundo que o rejeita como Filho de Deus: “conflito” e “vindicação”». ⁷⁷

⁷⁴ Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy (eds.), *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo* (Navarra: Editorial Verbo Divino, 2004), 68.

⁷⁵ Nolland, *The new international greek testament commentary*, 42.

⁷⁶ Brown, Fitzmyer e Murphy (eds.), *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo*, 68.

⁷⁷ Keener, *The Gospel of Matthew*, 66.

CAPÍTULO 3 – O SENTIDO DO TEXTO

De forma a bordar o sentido do texto e o que o mesmo nos quer transmitir, pareceu-nos importante, antes de proceder à hermenêutica da passagem em geral, refletir sobre a figura de Pedro no contexto da edificação. Com estas bases, faremos a exegese textual e terminaremos com uma breve reflexão sobre o que dizemos de Jesus atualmente.

1. A figura de Pedro e sua missão

Como introduzimos de forma muito leve no capítulo anterior, podemos conceber a imagem de Pedro de muitas formas por tudo aquilo que ele representa para a Igreja. Desta forma, ao longo deste subcapítulo iremos refletir sobre a figura petrina e sobre a sua missão na Igreja. Mt 16, 18 «é um texto muito solene: “Tu és...”; há uma missão específica para a pessoa de Pedro; e vê-se claramente uma superioridade destacada do Apóstolo sobre os demais».⁷⁸

Desde o seu chamamento, Pedro distingue-se dos demais. Além de ser o primeiro a ser chamado por Jesus, juntamente com o seu irmão André, não é chamado apenas pelo seu nome, Simão, mas o evangelista já nos dá pistas acerca da sua missão e acrescenta «o chamado Pedro», como podemos verificar na seguinte passagem: «ao caminhar junto ao mar da Galileia viu dois irmãos, Simão, o chamado Pedro, e André, seu irmão...». (Mt 4, 18) Há, portanto, uma distinção de Pedro relativamente a seu irmão André. Posteriormente, poderemos perguntar-nos se Pedro é um nome ou um apelido de Simão. «Não é um apelido, não designa nenhum ofício externo material, nem uma característica pessoal do Apóstolo, mas vai na linha de Jacob e Israel, na linha do povo: um ofício numa nova ordem de coisas».⁷⁹

A distinção deste apóstolo para os demais pode comprovar-se em muitas passagens ao longo do Novo Testamento. Pedro toma a palavra para responder pelos doze, é o seu porta-voz; além disso, também fala ao povo e a pessoas concretas: toma a palavra na eleição de Matias (Act 1, 15-26), discursa à multidão (Act 2, 14-36; 3, 12-26), responde a dúvidas do povo (Act 2, 37-38), realiza curas (Act 3, 1-12), entre outros exemplos, mas, para nos focarmos na passagem a que nos propusemos dedicar, ficaremos por estes. Além de falar, também é possível evidenciar a sua superioridade sem o uso da fala: é reconhecido como o chefe dos apóstolos, esteve na prisão porque os judeus deram conta de que era o chefe; foi quem desceu do barco e caminhou sobre as águas ao encontro de Jesus; Maria Madalena foi a correr ter com Simão

⁷⁸ Alfredo Rincon, *Tú eres Pedro: Interpretación de “piedra” en Mat. 16, 18 y sus relaciones con el tema bíblico de la edificación* (Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1972), 55.

⁷⁹ Rincon, *Tú eres Pedro*, 56.

Pedro e com o outro discípulo. A partir destes exemplos, podemos afirmar que as ações que Pedro realiza também podem ser realizadas pelos outros apóstolos, mas estes estão de acordo com Pedro, conferindo-lhe destaque.

Existe um jogo entre os termos Πέτρος e Πατήρ para se chegar à conclusão que Pedro compreendeu a verdade revelada. «O cuidado destes termos demonstra que o mistério da pessoa e da função de Pedro na Igreja é, sem dúvida, um ensinamento de importância primordial. Além da surpreendente correlação entre o “Tu és Cristo” e o “Tu és Pedro” a função de Pedro revela-se com expressões paradoxais e poderosas». ⁸⁰ Pedro também é o apóstolo da negação: ele nega Jesus por três vezes e, mesmo assim Jesus elege-o, gratuitamente, com toda a liberdade. «É dizer, Pedro é o testemunho da humanidade não vivificada pelo Espírito. O autor pensa que é precisamente essa razão a razão mais profunda da eleição. Porque Pedro negou o mais profundo que existe no seu mistério, Cristo constituiu-o Rocha da Igreja». ⁸¹ Também para demonstrar que a Igreja não depende d’Ele.

Pedro nega Jesus quando ele está a manifestar o sentido da sua morte como Servo que sofre. É este sentido que Pedro nega e é precisamente porque nega que irá ser símbolo deste Servo sofredor para a Igreja. Apesar de ter falhado com o Mestre, Pedro é perdoado e consegue ser o continuador da sua Igreja. Nem Pedro nem nenhum dos discípulos compreenderam ainda o mistério e o sentido do messianismo de Jesus. Contudo, nesta compreensão, Pedro tem duas atitudes que se destacam: a confissão e as lágrimas. «Pedro confessor e Pedro perdoado representam a vida da Igreja... Cada cristão há de seguir, então, o mesmo caminho de Pedro, e este é encarregado de manter constante a atenção da Igreja para o mistério mais profundo de Cristo». ⁸²

Mt 16, 18 pode aludir a uma ligação entre o termo «pedra» e o verbo «edificar». Tendo a em vista a valorização da figura de Pedro iremos, ainda que de modo superficial, relacionar o termo «pedra» com o verbo «edificar» ou «construir». De forma a introduzirmos estes termos, podemos afirmar que o tema da construção está presente em toda a Sagrada Escritura e ocupa um lugar importante na mesma. No Antigo testamento, o verbo hebraico בָּנָה («banah») tem essencialmente três significados. Primeiro é utilizado para designar a construção de coisas materiais, um ato que é próprio do ser humano. Em segundo lugar, pode significar a construção de uma família «para construir uma casa, para construir uma família, e por sua vez, casa e

⁸⁰ Rincon, 83.

⁸¹ Rincon, 84.

⁸² Rincon, 84.

família identificam-se. Não é um mero jogo de palavras, é a mesma compilação do conceito em si». ⁸³

No Antigo Testamento, casa e família têm um valor idêntico. Aliás, a casa recém-construída é motivo para dispensar o ser humano de ir para a guerra, como o que se casou recentemente ou que plantou uma vinha. Em terceiro lugar, podemos relacionar o verbo «banah» com a atividade de Deus. Deus é o promotor principal das atividades humanas, é Ele que acompanha o ser humano nas suas atividades diárias, é Ele quem suscita, edifica, reconstrói. «No mesmo sentido podemos ver que o texto de Mateus 16, 18 pertence à atividade construtora de Deus; embora devamos fazer a ressalva de que não se trata de uma promessa de reconstrução, mas de uma edificação totalmente nova». ⁸⁴

Para edificar o ser humano, não basta apenas dar-lhe uma casa, este precisa de se sentir incluído culturalmente, ter uma família que lhe transmita valores e ser participante da construção que Jesus nos deixou. É este o conceito de construção que Mateus quer expressar relacionando-o com a comunidade humana, como é a Igreja e o ser humano.

Mateus, possivelmente, traduziu o verbo «banah» por «oikodomein» (οἰκοδομῆσω). Este verbo está inserido no contexto das parábolas, em construções que existem realmente, ou ligado a citações do Antigo Testamento. Em sentido metafórico, este verbo relaciona-se com a ação de construir, levantar, edificar, mas não se refere a uma construção material, e sim à construção de uma comunidade. «A verdade e a santidade na edificação estão exigidas porque esse processo construtivo leva a Deus». ⁸⁵ O nome Pedro está relacionado com este contexto de construção; todavia, não o podemos relacionar com a primeira pedra, mas com a intencionalidade da construção: «Temos de recordar aqui que com essa abundância bíblica nos referimos ao aspeto cristológico da pedra; considerar Pedro apenas cronologicamente, como uma primeira pedra, é desliga-lo de Cristo». ⁸⁶ Só conseguiremos captar o verdadeiro sentido do termo «pedra» quando o relacionamos com a edificação e com a comunidade.

A ação de Pedro está em função de um futura fundação da comunidade de Jesus. Ele é o escolhido porque soube ver a verdade de Jesus: «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo». (Mt 16, 16) Este processo de edificação é permanente – pessoal e comunitário – e a coedificação com Cristo, que realiza cada fiel, também tem esse carácter. Deus continua a criar e a edificar, a criação é contínua.

⁸³ Rincon, 84.

⁸⁴ Rincon, 91.

⁸⁵ Rincon, 123.

⁸⁶ Rincon, 132.

De forma geral, e tendo em conta tudo o que abordamos anteriormente, podemos referir-nos a Pedro como pedra, na medida que é o responsável por continuar esta construção iniciada por Cristo. Não é o fundamento desta construção, esse é Cristo. No entanto, é uma pedra importante na construção da Igreja, assim como os seus sucessores (primado petrino) e todo o Povo de Deus. Todos somos parte integrante desta construção que não está terminada e temos o dever de a melhorar, somos «pedras vivas», por esta razão. Caso contrário, seríamos membros de uma ruína e não de uma construção, se a déssemos por terminada e não cuidássemos dela. Concluindo, Pedro seria «um discípulo “típico” que fala pelos outros discípulos, que por sua vez representam todos os crentes. Assim, tudo o que foi dito sobre Pedro torna-se uma lição para todos os cristãos».⁸⁷

2. Exegese textual

No início desta passagem, somos contextualizados geograficamente: Jesus e os discípulos estão a caminho de Cesareia de Filipe, uma cidade localizada perto da nascente do Jordão na zona mais a norte da terra de Canaã. Aqui «Herodes construiu o templo à divindade de César. Mais adiante, Felipe, o filho de Herodes, embelezou e enriqueceu o templo mais ainda e mudou o nome de Panias por Cesareia – a cidade de César – e acrescentou seu próprio nome – Filipo que significa de Felipe – para diferenciá-la da cidade da Cesareia que estava sobre as costas do Mediterrâneo».⁸⁸ Para a sua localização, veja-se o mapa⁸⁹, onde assinalamos as duas cidades e onde se percebe a distância entre elas.

⁸⁷ Donald A. Carson, *Matthew: The Expositor's Bible Commentary* (Michigan: Zondervan, 2010), 596.

⁸⁸ William Barclay, *The Gospel of Matthew*, trad. Carlos Biagini (Filadélfia: Westminster Press, 1975), 563.

⁸⁹ Rogério Moreira (ed.), *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira: Atlas Bíblico* (Lisboa: Edições Zairol, 1989), 157.



Cesareia de Filipe era uma cidade pagã, conhecida pelos seus templos pagãos, maioritariamente dedicados ao Deus Pan. «Nessa região afastada Jesus podia ter esperança de encontrar o sossego que em outras áreas da Palestina buscou em vão. Ele não vai à cidade propriamente dita, mas à região circundante, ou mais precisamente, às aldeias em redor (Mc 8.27). Aqui finalmente encontra lugar e tempo para dialogar em particular com seus discípulos».⁹⁰

A escolha do lugar seria uma tentativa de evitar as multidões para passar algum tempo privado com os discípulos, uma vez que aquele lugar tinha abundância de templos sírios e os habitantes adoravam os deuses gregos. É precisamente neste contexto que Jesus pergunta aos discípulos o que o ser humano diz sobre Ele. Há neste espaço de tempo um pormenor que não podemos deixar de levar em consideração.

Deste acontecimento até à transfiguração, o primeiro evangelista diz-nos que são seis dias. «Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e o seu irmão João». (Mt 17, 1) Em 1980, dois exegetas, Jean-Marie van Cangh e Michel van Esbroeck, realizaram uma análise

⁹⁰ Fritz Rienecher, *Evangelho de Mateus: comentário esperança*, trad. Werner Fuchs (Brasil: Editora Evangélica Esperança, 1998), 183.

desta passagem, comparando-a ao calendário das festas judaicas. Eles chamam a atenção para o facto de que apenas cinco dias separam duas grandes festas judaicas no outono: primeiramente a *Yom Hakkipurim*, a grande festa da expiação, e, seis dias depois, a festa das tendas (*Sukkot*), que dura uma semana. «Isso significaria que a confissão de Pedro ocorreu no grande dia da expiação e que, do ponto de vista teológico, deve ser interpretada no contexto desta festa, a única ocasião do ano em que o sumo-sacerdote pronuncia solenemente o nome de YHWH no santuário interno do templo».⁹¹ Neste contexto, a confissão de Pedro teria ainda um sentido mais profundo.

«Antes de partir para Jerusalém e para a cruz deve saber se algum deles vislumbrou embora de maneira remota quem e o que Ele é. Não formulou a pergunta em forma direta, conduziu-os para ela. Começou perguntando o que diziam as pessoas sobre Ele, e quem acreditavam que era».⁹² É precisamente neste ambiente que Jesus interroga os discípulos: «Quem dizem os Homens que é o Filho do Homem?». (Mt 16, 13) «São palavras pronunciadas no tempo de tranquilidade, entre o período da última atividade pública de Jesus na Galileia e sua entrada em Jerusalém. Trata-se, em rigor, do início do seu sofrimento, morte e ressurreição».⁹³ Jesus tinha consciência que o seu tempo com os discípulos cessaria em breve e precisava de saber se alguém teria, de facto, compreendido a sua missão. Só após a compreensão da mesma é que estariam aptos para lhe dar continuidade. Primeiramente, esta expressão Filho do Homem, como vimos no capítulo anterior, seria uma designação que atribuíram a Jesus e que através dela Ele relevava a sua humanidade. Nos Sinóticos, Mateus é o único que utiliza a expressão «que é o Filho do Homem» nesta interpelação. Marcos e Lucas utilizam a expressão «que Eu sou».

No Senhor estão interligadas a transbordante riqueza da graça curadora e a pobreza que renuncia a tudo. O Senhor, o Filho de Deus, poderoso em ações e palavras, é ao mesmo tempo o servo, o homem, que nada exige para si, mas migra pela terra como um sem teto, sem pátria e desprezado. Jesus consegue ser cheio de autoridade e poder somente quando, pobre e impotente, renuncia a tudo que é seu, quando não tem nada e nada deseja para si.⁹⁴

Num primeiro momento, Jesus não pergunta diretamente aos discípulos sobre quem Ele é, mas o que as pessoas diziam d'Ele. Eles respondem: «Uns, João Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas». (Mt 16, 14) Uns reconheciam-no como sendo João Batista ressuscitado, como é o caso do rei Herodes Antipas: «Este é João Batista! Ele

⁹¹ Joseph Ratzinger, *Jesús de Nazaret*, (Madrid: La Esfera de los Libros, 2007), 122.

⁹² Barclay, *The Gospel of Matthew*, 564.

⁹³ Rienecher, *Evangelho de Mateus*, 182.

⁹⁴ Rienecher, 91.

ressuscitou dos mortos, e, por isso, os poderes atuam nele». (Mt 14, 2) «A especulação pública de que Jesus pode, em certo sentido, ser “João Batista”, seja em espírito ou em algum sentido ressuscitado (como em Marcos 6:16), é um elogio significativo a Jesus».⁹⁵ Ao compará-lo com Elias «afirmavam duas coisas sobre Jesus. Diziam que era tão grande como o maior dos profetas, porque sempre se considerou Elias como a cúspide, o topo e o príncipe da linha profética. Também diziam que Jesus era o precursor do Messias».⁹⁶ Isto tem um significado tão grande que «até o dia de hoje os judeus esperam a vinda de Elias antes da chegada do Messias, e até o dia de hoje deixam uma cadeira vazia para Elias quando celebram a Páscoa, porque quando chegar Elias, o Messias não demorará».⁹⁷ Nesta perspectiva, o povo via Jesus como o enviado do Messias e o precursor da intervenção direta com Deus.

Por fim, diferente dos outros sinóticos, Mateus acrescenta a figura de Jeremias. Sugere-se que o primeiro evangelista relatou a rejeição de Jesus à luz do sofrimento e da rejeição que Jeremias experimentou no passado. Além de tudo, Jeremias foi chamado para falar contra o templo em Jerusalém, característica relevante no primeiro evangelho, e existia uma expectativa popular do seu retorno.

No fundo, «quando as pessoas identificavam Jesus com Elias ou com Jeremias, elas o estavam elogiando e lhe dando um lugar muito alto, porque Jeremias e Elias eram nada menos que os precursores esperados do Ungido de Deus. Quando eles chegassem o Reino estaria muito perto».⁹⁸ É um convite, desde logo, a repensarmos o conceito de messianismo que atribuímos a Jesus, uma vez que este terá de sofrer e ser rejeitado. Até aqui, os discípulos não se implicam na questão, limitam-se a dizer o que os outros diziam acerca de Jesus. «“Um dos profetas” atesta a diversidade de expectativas escatológicas nos dias de Jesus, algumas pessoas esperavam uma longa série de precursores proféticos».⁹⁹ A partir daqui, muda-se o cerne da questão.

Imediatamente a seguir a esta resposta, chegamos ao ponto central deste jogo de pergunta e resposta. Depois de ouvir o que a multidão dizia sobre ele, a pergunta que se segue é precisamente dirigida para os discípulos: «Vós, porém, quem dizeis que Eu Sou?». (Mt 16, 15) Jesus agora não quer saber do conhecimento da comunidade a seu respeito, quer saber a opinião daqueles que lhe são mais próximos. Ou melhor, não pergunta para obter informação, mas para construir a estrutura que suscitará a confissão de Pedro. Não procura um conhecimento externo, mas o conhecimento interno, isto é, que prevalecia nos discípulos. Então, Pedro,

⁹⁵ Craig A. Evans, *Matthew: New Cambridge bible commentary* (New York: Cambridge University Press, 2012), 312.

⁹⁶ Barclay, *The Gospel of Matthew*, 564.

⁹⁷ Barclay, 564.

⁹⁸ Barclay, 565.

⁹⁹ Carson, *Matthew*, 598.

tomando a Palavra, responde pelos discípulos: «Tu és o Cristo, o Filho de Deus Vivo». (Mt 16, 16) Não é ao acaso que é Pedro a tomar a iniciativa de responder pelo grupo. No subcapítulo anterior mencionamos diversas razões que destacavam a figura de Pedro relativamente aos outros discípulos.

Essa resposta de Pedro compreende Jesus com uma designação que é de uma natureza totalmente diferente de todas as citadas. Mesmo que aqueles o classifiquem como importante ou insignificante, que o avaliem positiva ou negativamente, de uma maneira ou outra eles permanecem no âmbito das possibilidades humanas. “O Cristo”, “o Messias”, “o Ungido”, consagrado diretamente pelo próprio Deus para ser rei, profeta e sacerdote da sua graça, são termos que rompem qualquer medida humana, por serem totalmente de origem divina.¹⁰⁰

Podemos aqui constatar que as categorias humanas são insuficientes para denominar Cristo. «Vendo Jesus nestes termos conseguiu-se encaixá-lo em categorias de pensamento que já existiam, em vez de deixar o próprio Messias redefinir suas categorias por sua identidade».¹⁰¹ A humanidade, ao compará-lo a João Batista, a Elias e a Jeremias, estava a colocá-lo num grau de consideração muito elevado, porém insuficiente. «Não há a menor dúvida de que Pedro não poderia ter dado uma explicação teológica nem uma explicação filosófica melhor do que quis dizer ao afirmar que Jesus era o Filho do Deus vivente. Pelo que se estava muito seguro de que nenhuma descrição meramente humana era adequada para referir-se a Jesus Cristo».¹⁰²

Isto reflete que, quando somos interrogados, não podemos dizer apenas o que os outros pensam. Temos de ter uma opinião pessoal, mas para tal temos de conhecer e de estar impregnados pela pessoa de Cristo. «O cristianismo nunca consiste em conhecer algo sobre Jesus; sempre consiste em conhecer a Jesus. Jesus Cristo exige um veredicto pessoal».¹⁰³ Esta pergunta não foi apenas formulada para Pedro, mas é-nos elaborada atualmente a cada um de nós. O primeiro evangelista também se destaca dos outros sinóticos nesta resposta de Pedro, ao acrescentar o título cristológico «Filho de Deus vivo». Marcos apenas refere «Tu és o Cristo» (Mc 8, 29) e Lucas «O Cristo de Deus». (Lc 9, 20)

Neste evangelho, a resposta é muito mais completa e concisa. A expressão «Deus vivo» é comum no Antigo Testamento e em literaturas judaicas. «Ele é o sentido de todas as palavras do AT, o esperado por todos que esperavam, o prometido de todas as promessas de Deus. Para expressar que Jesus é esse único e singular, Pedro designa-o de o Cristo ou, em sua língua

¹⁰⁰Rienecher, *Evangelho de Mateus*, 185.

¹⁰¹Kenner, *The Gospel of Matthew*, 425.

¹⁰²Barclay, *The Gospel of Matthew*, 566.

¹⁰³Barclay, 567.

materna aramaica, meshiha, de “Messias”». ¹⁰⁴ Não se trata de um Messias qualquer, mas de o Messias por excelência; não se trata de esperar uma pessoa qualquer, mas do esperado por excelência. No fundo, estamos perante o cumprimento de todas as promessas do Antigo Testamento. É Filho não apenas por ter nascido de Deus, mas por atuar como Deus. «Referir-se a Deus como “Deus vivo” é apontá-lo como alguém a ser considerado, que possui todos os poderes da divindade para exercer sobre a situação». ¹⁰⁵

A partir deste momento, Mateus desenvolve a sua cristologia. Apesar da identidade de Jesus estar confirmada pela expressão «Filho de David», esta é a primeira e única confissão de Jesus como o Cristo em todo o evangelho, apesar de Mateus já ter usado este termo antes, os discípulos só o usaram neste momento. «A presente confissão de Pedro e dos discípulos, que concordam com o seu porta-voz, constitui uma decisão magna e historicamente decisiva. Sob aspeto fundamental, vem a ser o fim da sinagoga e o início da comunidade de Jesus». ¹⁰⁶ Formase, a partir deste momento, a comunidade do Novo Testamento, em contraposição com a do Antigo Testamento. «A resposta à pergunta “de onde vem Jesus” (Nazaré, a sua família, a sua profissão) não chega para revelar “quem é ele”. É o “onde vai” que dirá a última palavra, última palavra que permanecerá um mistério». ¹⁰⁷

O facto de que o triplo testemunho evangélico concorda neste ponto não carece de significado; núcleo histórico e fê pascal convergem também aqui em reconhecer que a reflexão sobre Cristo, em qualquer nível que se formule, se quer adequar-se à realidade de Jesus deve inverter a ordem habitual de uma investigação. O objeto deve tornar-se sujeito; é preciso passar de perguntar a ser perguntado, de pedir uma resposta a dá-la. ¹⁰⁸

Este «Deus Vivo» inquieta-nos e não se deixa apresentar por esquemas preformados. Exige-nos uma resposta na primeira pessoa, ao invés da terceira, daquilo que os outros dizem. Um aspeto a considerar é a forma como o primeiro evangelista identifica Pedro como Simão Pedro. É a primeira vez que esta formulação é realizada. Nas anteriores, quando se relacionam estes dois nomes, refere-se a Simão como «o chamado Pedro», nunca como Simão Pedro. «Temos assim um facto singular que o evangelista quer chamar a atenção dos seus leitores e leitoras para Pedro e sua confissão, embora ele responda a uma pergunta dirigida a todos os

¹⁰⁴Rienecher, *Evangelho de Mateus*, 185.

¹⁰⁵ Nolland, *The new international greek testament commentary*, 665.

¹⁰⁶Rienecher, *Evangelho de Mateus*, 186

¹⁰⁷Marcel Domergue, «Quem é este homem?», acedido a 20 de agosto de 2022, https://www.snpcultura.org/vol_quem_e_este_homem.html

¹⁰⁸ Bruno Forte, *Jesus de Nazaret: historia de Dios, Dios de la historia* (Madrid: Ediciones Paulinas, 1983), 152.

discípulos, como seu porta-voz, não exprime outra confissão além daquela que todos já haviam expressado um dia».¹⁰⁹ Isto coloca Pedro no centro da cena e prepara o momento que se segue.

A partir deste momento, Jesus dirige-se diretamente a Pedro: «És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi nem a carne nem o sangue que te o revelou, mas o meu Pai que está nos céus». (Mt 16, 17) Gostaríamos e enfatizar, desde já, o início da frase. A expressão usada por Jesus é «és feliz», traduzida do grego «*maikairois*». É a mesma expressão que Mateus usa no relato das bem-aventuranças, o que simboliza e importância e o significado que tem no contexto presente. O termo “feliz” não está relacionado com o bem-estar: «o termo original não indica alguém que tem a barriga cheia ou está bem na vida, mas é uma pessoa que está em condição de graça, que progride na graça de Deus e no caminho de Deus: a paciência, a pobreza, o serviço aos outros, a consolação... Quantos progredem nestes aspetos são felizes e serão bem-aventurados».¹¹⁰

Pedro está numa condição de graça, que irá determinar o seu serviço para com a Igreja. Não foi a natureza humana (carne e sangue) que permitiu que Pedro revelasse a identidade de Jesus, mas o próprio Deus. A fé não resulta da capacidade humana, mas é dom de Deus. «Em outras palavras, a verdade da identidade de Jesus não foi revelada a Simão Pedro através do conhecimento humano (de sua parte) ou através do ensino de outra pessoa. O que revelou a Pedro a verdadeira identidade de Jesus era o “Pai no céu” de Jesus. Por esta razão, Pedro é realmente abençoado, pois ele foi o destinatário da revelação divina».¹¹¹ A confissão de Pedro assume uma visão mais profunda, na medida que é dada por Deus.

A expressão «filho de Jonas» pode conter um simbolismo que à primeira vista não se consiga detetar. «Embora o nome do pai de Pedro fosse semelhante a "João", Jesus (pelo menos no contexto de Mateus) pode significar o endereço "filho de Jonas" também simbolicamente: Jonas era um pregador para sua geração (12, 41), e este contexto especificava que o sinal de Jonas viria também para a geração de Jesus».¹¹²

É como destinatário da revelação divina que Jesus lhe revela a sua identidade: «tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja». (Mt 16, 18) Este binómio Pedro-Pedra, já foi abordado no subcapítulo anterior. Afirmamos que não podemos considerar Pedro como a primeira pedra, porque essa é Jesus, e, sem Jesus, Pedro perde a essência da sua missão. No

¹⁰⁹ Luz, *El evangelio según San Mateo*, 604.

¹¹⁰ Papa Francisco, «Catequeses sobre as bem-aventuranças», acedido a 22 de agosto de 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papa-francesco_20200129_udienza-generale.html.

¹¹¹ Evans, *Matthew*, 313.

¹¹² Kenner, *The Gospel of Matthew*, 425.

entanto, Pedro é o escolhido para ser o cuidador da Igreja de Cristo na sua ausência. É o escolhido para ser o continuador da missão de Jesus. Não é o único que vai continuar esta missão, mas é o responsável por ela e, conseqüentemente, pelos outros discípulos.

Apesar de não ser a Pedra Angular, é uma coluna robusta que permite que o edifício permaneça em pé. É o responsável pelo anúncio do Reino e por determinar a forma de realizar esse anúncio. Verificamos que o sentido de pedra atribuída a Pedro pode ser interpretado de várias formas. A primeira explicação considera que o termo rocha remetia para Jesus, ou seja, Jesus era a rocha sobre a qual ele mesmo edificaria a Igreja, na qual Pedro teria um papel vigoroso.

Em segundo lugar, o termo “rocha” refere-se à verdade que testemunha que Jesus é o Filho de Deus vivo: «com efeito, o fato de que Jesus Cristo é o Filho de Deus é a pedra basal da fé e a crença da Igreja. Sobre essa grande verdade se funda a Igreja pelos séculos dos séculos. Esta explicação sustenta que a verdade divinamente revelada de que Jesus é o Filho de Deus é o único fundamento sobre o qual se apoia a Igreja».¹¹³ Não existam dúvidas acerca desta verdade. No entanto, esta explicação parece não esclarecer o binómio Pedro-Pedra.

A terceira explicação consiste em afirmar que a rocha seria a fé de Pedro: «A Igreja se funda sobre a fé de Pedro. Essa fé de Pedro foi a faísca que acenderia a fé da Igreja em todo o mundo. A fé de Pedro foi o ímpeto inicial que algum dia faria surgir a Igreja universal».¹¹⁴ Por último, salienta-se que Pedro é mesmo a rocha, mas num sentido especial. A rocha sobre a qual se funda a Igreja é Deus, na qual Pedro é a primeira pedra basilar. «Pedro foi o primeiro homem da Terra que descobriu quem era Jesus. Foi o primeiro homem que efetuou o salto de fé que via em Jesus Cristo o Filho do Deus vivo».¹¹⁵ Por ser o primeiro a reconhecer a verdadeira identidade de Jesus, podemos considerar Pedro como o primeiro membro da Igreja. É neste sentido que ele é o fundamento da Igreja; por ser o primeiro a acreditar realmente, torna-se a primeira pedra desta construção de Deus, que tem Cristo como pedra angular. Neste sentido, todos aqueles que acreditam completam e dão vigor a esta construção. É por esta construção ser tão robusta (edificada sobre a pedra) que os seus opositores não prevalecerão contra ela.

Outra designação que merece a nossa atenção é o termo «Igreja». «O que começou com Pedro foi a união de todos os que crêem em Jesus Cristo, que não se identifica com nenhuma igreja e que não se limita a nenhuma delas em particular, mas sim abraça a todos aqueles que,

¹¹³ Barclay, *The Gospel of Matthew*, 569

¹¹⁴ Barclay, 569.

¹¹⁵ Barclay, 569.

em todas as Igrejas, amam ao Senhor».¹¹⁶ O termo Igreja, nos Sinóticos, é exclusivo de Mateus e mesmo ele apenas o utiliza duas vezes. «Portanto R. Bultmann argumenta que o uso de *ekklesia* em Mateus 16, 18; 18, 17 não pode ser autêntico. Refere-se a um grupo praticante de cristãos, uma comunidade separada ou uma sinagoga cristã em contraste com as sinagogas judaicas, e é presidida por Pedro».¹¹⁷

De outro ponto de vista, «K. L. Schmidt sugere que o termo aramaico por trás de *ekklesia* em Mateus é um termo tardio, *kenîšta.*, que poderia significar tanto “o povo [de Deus]” quanto “uma sinagoga [separada]”.¹¹⁸ Ainda existe outra perspectiva, onde a evidência linguística parece ser mais forte. Trata-se da tradução dos LXX. «Sempre que *ekklesia* na LXX está a ser traduzida do hebraico, a palavra hebraica é *qahal* (“assembleia”, “reunião”, “ajuntamento”), com referência a vários tipos de “assembleias” mas cada vez mais usado para se referir ao povo de Deus, a assembleia de Yahweh».¹¹⁹ «Assim *ekklesia* (“igreja”) é inteiramente apropriado em Mateus 16, 18; 18, 17, onde não há ênfase na instituição, organização, forma de culto ou sinagoga separada. Mesmo a ideia de “construir” um povo brota do AT».¹²⁰

Implicitamente, então, o versículo também abrange uma reivindicação do messianismo. O “povo de Yahweh” torna-se o povo do Messias (cf. 13, 41). Se a comunidade de Qumran pensa em si mesma como o “povo da aliança”, Jesus fala de seus seguidores como seu povo – sua igreja – que vem, com o tempo, para se ver como povo da nova aliança estabelecida pelo sangue do Messias (26: 28).¹²¹

A missão precede a Igreja, ou seja, não é a Igreja que tem uma missão, mas a missão que tem uma igreja. Noutras palavras, não devemos estar preocupados em discernir a missão, já sabemos qual é desde há dois mil anos, mas que Igreja precisamos de ser em cada local e em cada momento para realizar a missão que nos foi confiada. A missão é ir, testemunhar o que é ser cristão. A finalidade é sempre beneficiar os demais.

«E as portas do inferno não prevalecerão contra ela.» (Mt 16, 18) Para esta expressão podemos encontrar três sentidos. Um significaria a comparação com uma fortaleza, na qual o mal não venceria nunca. Por outro lado, «Richard Glover tem uma explicação muito interessante desta frase. No antigo Oriente, especialmente nas pequenas cidades e aldeias, a Porta sempre era o lugar onde se reuniam os anciãos e os governantes e onde pronunciavam

¹¹⁶ Barclay, 570.

¹¹⁷ Carson, *Matthew*, 603.

¹¹⁸ Carson, 603-604.

¹¹⁹ Carson, 604.

¹²⁰ Carson, 604.

¹²¹ Carson, 604.

seus conselhos e emitiam seus julgamentos».¹²² Ou seja, «a porta era o tribunal popular porque ali se reuniam os anciãos. De maneira que a expressão a porta pode ter chegado a significar o lugar de governo».¹²³ Nesta possibilidade, o governo do mal jamais prevalecerá contra a igreja. A terceira hipótese consiste em não interpretar a palavra ἄδου como inferno, mas como Hades. «E o Hades não era o lugar de castigo e sim o lugar onde, segundo a crença judia primitiva, iam todos os mortos. Como é evidente, a função das portas é manter as coisas dentro, confiná-las, encerrá-las, controlá-las».¹²⁴ Todavia, Cristo rompeu os laços da morte e isto pode ser uma clara referência à sua ressurreição gloriosa. «Seja qual for a interpretação, esta frase expressa de maneira triunfante o caráter indestrutível de Cristo e sua igreja».¹²⁵

Além disto, podemos interpretar o termo «πύλαι» não como porta, mas como tempestade. «Mas porque a igreja é construída sobre a rocha, ela resistirá ao ataque (assim como a casa construída sobre a rocha resiste à tempestade na parábola em Mateus 7:24-27). Diante desse paralelo, tem sido sugerido que o ditado originalmente se referia a “tempestade” (aramaico: sa'ar) em vez de “portão” (aramaico: sha'ar); isto é, as tempestades do Hades não dominarão a igreja».¹²⁶ A razão é que está construída sobre a Rocha que é Cristo e por outras rochas, que são os continuadores da Igreja de Cristo. É uma construção com fundamentos muito sólidos, ao contrário daquelas construções feitas sobre areia. Assim como Israel se sentiu fundado por Abraão e pela sua fé, também a Igreja de Jesus é fundada sobre uma rocha.

Jesus prossegue dizendo: «dar-te-ei as chaves do reino dos céus: o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus». (Mt 16, 19) A atribuição de chaves a alguém confere um poder ou uma responsabilidade especial. «Os rabinos, por exemplo, tinham um dito: "As chaves do nascimento, da chuva, e da ressurreição dos mortos pertencem a Deus." Quer dizer, que Deus é o único que tem o poder de criar vida, de enviar a chuva, e de ressuscitar os mortos. A frase sempre indica um poder único e especial».¹²⁷ No Novo Testamento as chaves estão sempre na posse de Jesus, ele é que tem o poder. «Está claro que esta frase deve interpretar-se como indicação de um direito divino determinado e seja qual for a promessa que fez a Pedro não se deve interpretar que anula ou infringe um direito que só pertence a Deus e ao Filho de Deus».¹²⁸ «A promessa de que Pedro teria as chaves do Reino significava que Pedro seria o meio para abrir a porta que conduz milhares de pessoas a Deus

¹²² Barclay, *The Gospel of Matthew*, 571.

¹²³ Barclay, 572.

¹²⁴ Barclay, 572.

¹²⁵ Barclay, 572.

¹²⁶ Evans, *Matthew*, 314.

¹²⁷ Barclay, *The Gospel of Matthew*, 573.

¹²⁸ Barclay, 573.

nos dias por vir».¹²⁹ Contudo, Pedro não é o único que possui as chaves do reino, cada um de nós também as possui na medida em que abre a porta do Reino a um irmão e o deixa participar desta comunhão.

O privilégio das chaves significava que Pedro seria o encarregado da casa de Deus, seria quem abriria as portas aos homens para que entrassem no Reino. A obrigação de atar e desatar significava que Pedro teria que tomar decisões a respeito da vida e a prática da igreja, que teriam consequências do mais longo alcance. E de fato, quando lemos os primeiros capítulos dos Atos vemos que isso foi exatamente o que Pedro fez em Jerusalém, porque cumpriu o dever, a tarefa e o privilégio que recebeu.¹³⁰

Por Pedro ser o primeiro a descobrir a identidade do Messias, foi-lhe concedido um grande privilégio e uma grande responsabilidade. «Pedro abrirá as portas que permitirão que o verdadeiro Israel entre no reino (sejam judeus ou gentios), um papel que o vemos desempenhar no Pentecostes (Atos 2) e depois com respeito à salvação dos gentios (Atos 10-11)».¹³¹ «Ou seja, ligar e desligar é o equivalente a fechar e abrir – fechar a porta para alguns, abrir a porta para outros; ou menos figurativamente, de decidir o que é permitido e o que não é permitido».¹³² «Ele é, em suma, *primus inter pares* (“primeiro entre iguais”), e sobre o fundamento de tais homens (Ef 2:20), Jesus construiu sua igreja. É precisamente por isso que Jesus, no final de seu ministério terreno, passou tanto tempo com eles. A honra não foi conquistada, mas resultou da revelação divina (v.17) e da obra de construção de Jesus (v.18)».¹³³

Pedro é o portador das chaves, na medida em que através da pregação permite que outros tenham acesso ao Reino de Deus. A atribuição das chaves, além de evidenciar uma autoridade, pode também significar um conhecimento que pode ser explicado pelos verbos «ligar» e «desligar». Nesta linha de pensamento, estes dois verbos referem-se a um poder doutrinário que é confiado a Pedro, para interpretar a Torá de forma autoritária, segundo a hermenêutica inaugurada pelo Evangelho de Jesus, ou seja, Pedro irá ensinar e orientar, transmitir e explicar com autoridade a doutrina de Jesus.¹³⁴

Acerca destes versículos (17-19) que acabamos de abordar, são variados os estudiosos que colocam em dúvida a sua autenticidade. As suas razões são as seguintes: alguns talvez sejam movidos pela polémica anticatólica; outros, no entanto, sustentam a sua tese no facto de apenas Mateus ter escrito sobre isto, isto é, não encontramos o texto destes versículos em nenhum dos outros evangelhos. «Se alguém seguir a sequência de Marcos, este material em

¹²⁹ Barclay, 573.

¹³⁰ Barclay, 573.

¹³¹ Evans, *Matthew*, 315.

¹³² Evans, 315.

¹³³ Carson, *Matthew*, 613.

¹³⁴ Cf. Micheli, *Matteo*, 275.

Mateus pode parecer intrusivo, e pode-se argumentar que o próprio Mateus colocou a tradição anterior do elogio de Pedro (cuja existência está provavelmente implícita pelo papel central de Pedro na igreja, por exemplo, 1 Coríntios 1:12; 9:5; 15:5; Gal 2:7) nesta narrativa em particular». ¹³⁵

Uma possível explicação para o facto de este ser um texto único de Mateus certamente seria a insignificância destes elogios a Pedro depois da ressurreição de Jesus. «Mais provavelmente, Lucas pode simplesmente ter seguido Marcos ao omiti-lo, e o estilo narrativo enérgico de Marcos e o tema enfático do fracasso do discipulado foram mais bem servidos ao omitir o texto de Mateus». ¹³⁶ Além disto, o primeiro evangelista segue a tradição oral mais intensamente que o segundo.

Jesus conclui esta passagem da seguinte forma: «admoestou então os discípulos para que não dissessem a ninguém que Ele era o Cristo». (Mt 16, 20) Apesar de os discípulos professarem que Jesus era o Messias, ainda não tinham consciência do messianismo de Jesus, algo que se verifica na passagem seguinte, pela reação dos mesmos. Jesus pede silêncio aos seus discípulos porque antes de anunciarem o Messias precisavam de conhecer verdadeiramente o tipo de messianismo que Jesus apresentava. «Foi por isso que Jesus os obrigou a manter silêncio. Se eles se dirigissem às pessoas e pregassem suas ideias, tudo o que conseguiriam seria provocar uma rebelião e um levante trágicos. Só teriam provocado outro estalo de violência, condenado ao fracasso». ¹³⁷ Jesus apela à prudência, uma vez que o Messias não iria destruir os opositores, mas tomar o caminho da Cruz. «Jesus pede aos seus seguidores que não revelem a sua identidade, segundo o modelo da Messias oculto: é o Messias que não quer ser confundido com os messianismos políticos da época, mas ser conhecido pelas suas obras, antes de tudo, aquilo que Mateus falará no versículo seguinte, a sua paixão-morte-ressurreição». ¹³⁸ Trata-se de recomendar a prudência.

Depois de lhes revelar a sua identidade, na passagem seguinte anuncia-lhes pela primeira vez a sua paixão. Esta ordem de acontecimentos parece indicar o caminho pelo qual o ser humano tem de procurar o rosto do Filho do Homem e acaba com a perspectiva do messianismo que tinham os discípulos. O mistério de Jesus cumpre-se perante o sofrimento, a reprovação e a morte e é precisamente na dor que podemos vislumbrar o seu rosto. «Ao messias

¹³⁵ Kenner, *The Gospel of Matthew*, 425.

¹³⁶ Kenner, 425.

¹³⁷ Barclay, *The Gospel of Matthew*, 576.

¹³⁸ Michelini, *Matteo*, 276.

“humano-divino” do seu discípulo Jesus contrapõe o Messias “Deus-humano”, que se manifesta contrariamente a toda a expectativa nas coisas desprezadas e fracassadas pelos humanos». ¹³⁹

Devido à riqueza de linguagem e simbolismos, podemos assegurar que esta passagem desempenha uma função importante na obra do primeiro evangelista.

3. «Vós, porém, quem dizeis que Eu sou?»

Esta pergunta de Jesus não é apenas dirigida para os discípulos e para as pessoas daquele tempo. Hoje em dia, cabe-nos a nós responder a esta pergunta. Já depreendemos que não basta um conhecimento exterior, daquilo que os outros dizem d’Ele, mas o conhecimento pessoal de forma a dar vida à palavra.

Sobre esta realidade da necessidade de uma resposta na primeira pessoa, Dostoievski relata-nos o seguinte através da figura do grande inquisidor: «és tu, és tu?... Não respondas, cala. Que poderias dizer? Sei demasiado bem o que poderias dizer. Por demais, não tens direito a adicionar nada ao que já disseste uma vez. Porque me viestes perturbar? Pois, na verdade, viestes perturbar-me; sabes-lho perfeitamente». ¹⁴⁰

Procurar o rosto e a identidade de Jesus implica que nos deixemos perturbar e inquietar por Ele. «Cristologia é implicação, paixão, mente e coração que vibram fortemente na tentativa de dar uma resposta autêntica à pergunta de Cristo, que compromete a vida». ¹⁴¹ Perante Cristo não podemos permanecer estáticos, Ele estimula-nos a tomar uma decisão, quer uma resposta, seja de aceitação ou de rejeição.

Sejam cristãos ou não, atualmente as pessoas têm considerações a tecer acerca de Jesus. Seja positiva ou negativamente, Jesus é uma figura histórica incontornável. No entanto, como cristãos temos a liberdade de nos interrogarmos sobre o que dizemos de Jesus e como o vemos verdadeiramente, porque podemos correr o risco de construirmos falsas imagens d’Ele. Sabemos que Cristo se intitulou a si mesmo como caminho, verdade e vida. (Cf. Jo, 14,6) Contudo, estaremos a compreender realmente tudo o que Ele abarca?

Qual é o sentido de falar de Cristo hoje? Parece ser esta a pergunta que se faz num mundo secularizado: «ressoa a questão sobre o sentido de continuar a falar de alguém de quem o humano de hoje não parece ter nostalgia nem necessidade». ¹⁴² No entanto, quanto nos

¹³⁹ Bruno Forte, *Jesus de Nazaret: historia de Dios, Dios de la historia* (Madrid: Ediciones Paulinas, 1983), 154-155.

¹⁴⁰ Forte, *Jesus de Nazaret*, 153

¹⁴¹ Forte, 153.

¹⁴² Forte, 11.

confrontamos com questões de injustiça, «diante da lógica do lucro que subordina todas as coisas ao interesse de uns poucos sacrificando os demais, levanta-se a pergunta sobre o significado de que todavia pode ter aquele homem do Nazaré». ¹⁴³

Na atualidade, a tendência parece centrar-se na capacidade de o humano fazer tudo por si, sem precisar de Deus. Este coloca-se no centro do mundo, sendo autossuficiente. Todavia, «perfilando-se assim uma “nostalgia do totalmente outro”, redescobre-se a presença de um Deus que não faz concorrência ao humano, que está ao seu lado inclusive no sofrimento, cravado na cruz do mundo». ¹⁴⁴ Isto é, «o Deus cristão não veio como um *deus ex machina* para pôr tudo em ordem, miraculosamente a partir de fora; veio, isso sim, como Filho do Homem, para partilhar a partir de dentro a paixão do homem. E essa é também a incumbência do cristão: partilhar a partir de dentro a paixão e os sofrimentos da existência humana, abrir o espaço humano, a fim de ganhar nele lugar para a presença de Deus». ¹⁴⁵

O ser humano do nosso tempo está dominado pelo maquinismo, ciência e verificação, ideologias e luta pela emancipação humana. Este tipo de classificação remete para a «morte de Deus» (Nietzsche), onde o humano se ergue como senhor de si mesmo, como um ser absoluto. No entanto, existe algo que o ser humano não compreende nem sobre o qual tem poder: a morte. Perante esta, emerge a nostalgia de uma justiça perfeita e consumada, «perfila-se assim, no tecido mais profundo dos fatores que presidem ao advento da cidade secular, uma provocação nova e positiva a respeito de Deus: uma nostalgia de amor, de beleza, de sentido; um desejo de esperança fundada e de justiça cumprida». ¹⁴⁶

Desta forma, a humanidade volta a questionar-se sobre a sua origem e sobre o seu fundamento, volta a abrir-se à possibilidade de falar de Deus. «O humano secular não encontra Deus em experiências limite, mas no limite de toda a experiência». ¹⁴⁷ É por isso que, num mundo cada vez mais secularizado, os cristãos continuam a falar de Jesus. Os cristãos são chamados à denúncia e ao anúncio. À denúncia das injustiças e das opressões, do egoísmo que o faz presumir que ele mesmo é um ser absoluto com direito a intervir nos direitos fundamentais da vida, da liberdade e da dignidade da existência, que são dons inalienáveis de Deus a todo o humano. ¹⁴⁸ «A denúncia profética do cristianismo não para então nas dimensões visíveis da opressão; vai até elas, mas, acima e através delas, à mentalidade perversa que as inspira, a lógica

¹⁴³ Forte, 11.

¹⁴⁴ Forte, 14.

¹⁴⁵ Joseph Ratzinger, *Fé e futuro* (Estoril: Príncípa Editora, 2008), 90.

¹⁴⁶ Forte, *Jesus de Nazaret*, 17.

¹⁴⁷ Forte, 18.

¹⁴⁸ Cf. Forte, 22.

do lucro, que é a lógica do príncipe deste mundo».¹⁴⁹ Por sua vez, no anúncio, os cristãos são chamados a ser criativos e a cuidar dos seus direitos imprescindíveis, dados por Deus. São chamados a anunciar a liberdade e a libertação do ser humano, diante daquilo que o possa fazer prisioneiro ou oprimido. «Desta forma mostrará com os factos o sentido de ainda falar de Jesus Cristo e estará presente nas diversas situações da força do Espírito do Ressuscitado; porque “onde está o Espírito do Senhor, ali há liberdade” (2 Cor 3, 17)».¹⁵⁰

Com esta introdução tomamos noção de que Jesus é uma realidade do passado, do presente e do futuro, «em relação ao presente, sublinha-se a iniciativa do Ressuscitado; em relação ao passado, destaca-se o reconhecimento de Jesus de Nazaré naquele que se apresenta como vivo; em relação ao futuro, evidencia-se a missão que brota do encontro com o ressuscitado».¹⁵¹ Os títulos através dos quais identificamos Jesus são relativos. Associamos a Jesus os títulos mais elevados que existem no contexto religioso como: «Messias», «Filho do Homem», «Filho de Deus», «Senhor», «Profeta escatológico». No entanto,

o principal é a experiência cristã enquanto resposta da comunidade à oferta de Jesus; os títulos, ainda que importantes, são secundários; aliás, já na Escritura podem mudar-se, ser substituídos por outros e inclusivamente desaparecer. O que permanece é a experiência salvífica, a qual exige uma expressão e uma articulação que se ajustem continuamente às novas situações sócio históricas.¹⁵²

Ao longo da história foram-se atribuindo diversas imagens a Jesus, não só pelos crentes como também pelos não crentes. Naturalmente que, por sermos criaturas com limites, jamais poderemos dizer quem é Jesus de modo absoluto, apenas o podemos interpretar na perspectiva do nosso presente, vislumbrando um futuro antecipado porque a história continuará depois de nós e a história de Jesus só manifestará o seu sentido definitivo no fim dos tempos.

«Desta maneira, a fé, a confiança e o amor são, em última análise, uma só coisa, e todos os conteúdos que a fé envolve são nada mais, nada menos do que concretizações da reviravolta que constitui a base de tudo, ou seja, do “Creio em ti”, da descoberta de Deus na face do homem que é Jesus de Nazaré».¹⁵³ As virtudes teológicas afetam a pessoa na sua transformação à imagem de Cristo na confiança, esperança e caridade amante. Não se trata de tentar nomear, dar nomes ou títulos a Jesus, mas de o vivenciar, de seguir o caminho que Ele seguiu.

¹⁴⁹ Forte, 22.

¹⁵⁰ Forte, 23.

¹⁵¹ Forte, 89.

¹⁵² Edward Schillebeeckx, *Jesus: la Historia de un Vivente* (Madrid: Ediciones Cristiandad, 1981), 39.

¹⁵³ Ratzinger, *Fé e futuro*, 31.

As bem-aventuranças também são um caminho para descobrirmos a identidade de Jesus. «Contêm o “bilhete de identidade” do cristão — este é o nosso bilhete de identidade — porque delineiam o rosto do próprio Jesus, o seu estilo de vida».¹⁵⁴ São atitudes que o cristão é chamado a tomar, semelhantemente às atitudes de Cristo, é procurar adquirir o seu estilo de vida no nosso contexto histórico de forma criativa. Neste sentido, podemos ver o rosto de Jesus nos pobres em espírito, nos que se lamentam, nos mansos, nos que têm fome e sede de justiça, nos misericordiosos, nos puros de coração, nos pacificadores e nos perseguidos. «Se algo parece claro nas bem-aventuranças, é que Deus é dos pobres, dos oprimidos, dos que choram e sofrem. Deus não é insensível ao sofrimento. Ele não é apático. Deus "sofre onde o amor sofre"».¹⁵⁵

Não é apenas a morte que constitui para nós um limite, assim também o é o sofrimento. A atitude hodierna é tentar reprimi-lo, algo que se tem vindo a conseguir devido à perda de sensibilidade do ser humano. Contudo, a única forma de passar este limite é «partilhando a dor dos que sofrem, não os deixar sós, tornando o seu grito mais forte».¹⁵⁶

Jesus apresenta-nos uma escala de valores diferente da do mundo. «Precisamente aqueles que segundo os critérios do mundo são considerados pobres e perdidos são os realmente felizes, os bem-aventurados, e podem alegrar-se e regozijar-se, apesar de todos os seus sofrimentos. As bem-aventuranças são promessas nas quais brilha a nova imagem do mundo e do homem que Jesus inaugura, e em que “os valores se invertem”».¹⁵⁷ Esta inversão de valores ou a vivência de novos critérios dá-se quando começamos a ver e a viver através de Deus, percorrendo o mesmo caminho de Jesus.

As bem-aventuranças são o mapa da verdadeira humanidade cristificada e da verdadeira alegria humana. Elas são isto porque são uma narração de Jesus na cruz. Não há outro caminho para se fazer experiência de Jesus que não seja o vivermos as bem-aventuranças, de aferirmos se somos ou não verdadeiramente cristãos: pobre em espírito. Jesus não só anunciou as bem-aventuranças, mas ele é o bem alegre. O Homem livre por excelência. Vivendo-as e fazendo-as, as bem-aventuranças foram adotadas por Jesus como norma, critério fundamental da nossa vivência amorosa com Ele e com os demais. Se as nossas relações com os demais não forem pautadas por esse amor, então esse amor não é cristão. A fé, a esperança e o amor são dons

¹⁵⁴ Papa Francisco, «Catequese sobre as Bem-aventuranças - 1», acedido a 22 de agosto de 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papa-francesco_20200129_udienza-generale.html

¹⁵⁵ José Antonio Pagola, *El camino abierto por Jesús: Mateo* (San Sebastián: PPC, 2010), 101.

¹⁵⁶ Pagola, *El camino abierto por Jesús*, 103.

¹⁵⁷ Joseph Ratzinger, *Jesús de Nazaret*, 35.

gratuitos de Deus. O dom de Deus já foi dado. Agora, a capacidade de amor tem de ser aceite, retirando o egoísmo, e comunicando o amor aos demais.¹⁵⁸

Nenhuma das bem-aventuranças aponta para o caráter das pessoas, mas para o caráter do próprio Deus que, sendo Amor, não pode dar senão dando-*Se*. O amor é efetivo, mas a maior efetividade pressupõe uma sólida afetividade. O resultado do testemunho é que aquele testemunhado seja um contágio de vida cristã. Alguém que é convencido por palavras pode ser desconvenido por palavras, mas quem é convencido pelo testemunho de vida de uma pessoa não será desconvenido pelo testemunho de vida de outra.¹⁵⁹ Nesta linha de pensamento, se o discípulo procura seguir fielmente o mestre, as bem-aventuranças expressam o que significa ser discípulo.

Quando no movimento que vai do presente a Cristo o humano supera a prova do escândalo e decide reconhecer no humilde Nazareno o salvador do mundo, centro e medida da história, seus olhos abrem-se e são capazes de entender mais profundamente o que está visível a presença e a força do movimento inverso, que desde o Singular e da sua história irrepitível chega ao nosso “hoje”, fazendo dele um “hoje” de salvação por irrupção do dom libertador de Deus.¹⁶⁰

«O reconhecimento da singularidade de Jesus traduz-se assim na experiência da sua contemporaneidade; o Singular, humilde e redentor, faz-se presente a nós, aqui e agora, com todo o poder contagioso do seu caminho de libertação».¹⁶¹ Esta liberdade é liberdade no amor, onde a realeza se apresenta como serviço e como dom. Hoje podemos dizer, entre tantas outras coisas, que Jesus é esperança e salvação. Esperança, na medida que remete para aqueles que estão a ser oprimidos, querendo envolver-nos na sua luta para que a sua voz seja mais forte e possam sair daquela situação. Implica-nos no sofrimento do mundo. A esperança é a espera confiante, forte e paciente, nas grandes promessas de Deus (a principal é Ele mesmo). Salvação na medida em que Ele, ao romper com a morte de uma vez para sempre, nos abre a possibilidade de estarmos na sua presença tanto enquanto viventes como para além da vida terrena.

Mais do que dar respostas, hoje, temos que apontar caminhos e as bem-aventuranças são uma excelente maneira para responder à pergunta que nos é proposta.

¹⁵⁸ Apontamentos das aulas de teologia espiritual com o professor Alexandre Freire Duarte.

¹⁵⁹ Apontamentos das aulas de teologia espiritual com o professor Alexandre Freire Duarte.

¹⁶⁰ Forte, *Jesus de Nazaret*, 295.

¹⁶¹ Forte, 295.

CONCLUSÃO

Depois de terminarmos esta análise, sentimos que foi um verdadeiro desafio termos enveredado pelo caminho trilhado.

Inicialmente, a procura de bibliografia adequada não representou um obstáculo. Contudo, ao tomarmos consciência de que uma parte significativa era inglês, inquietou-nos sair do conforto da nossa língua materna para seguir uma língua que apenas utilizávamos para conversas circunstanciais, e nunca para um trabalho de investigação desta dimensão. Também o grego se revelou um desafio bastante considerável. Com a frequência de apenas dois anos de grego, a análise de um texto grego tão rico e tão bem cuidado como o de Mateus causou-nos algum receio. Contudo, estas dificuldades não tiveram força suficiente para nos fazer desistir do caminho que definimos.

O início deste trabalho marcou-se pela tentativa de descobrir o contexto vital (Sitz im Leben) do primeiro evangelho. Para tal, procedemos à averiguação do seu autor, do local da sua redação e das características próprias de Mateus, ou seja, as características gerais do evangelista, estilísticas, morfológicas e também a forma diferenciada como este estrutura o seu evangelho, tendo sempre como base de comparação outros sinóticos. Neste ponto, defendemos que Mateus é o autor do evangelho - apesar de alguns estudiosos manifestarem alguma relutância relativamente a este aspeto -, e que o terá escrito, muito provavelmente, em Antioquia da Síria, por volta do ano 80. Verificamos ainda que, mais do que a estrutura, o primeiro evangelista valoriza o conteúdo.

Depois de termos estes dados, como se de uma introdução se tratasse, estaríamos então preparados para proceder à análise da passagem que escolhemos. Neste momento, a nossa principal opção consistiu em começar pela tradução do texto do grego para o português. Posteriormente, definimos uma estrutura para esta passagem e procurámos encontrar argumentamos para justificar o facto de ela ser desta forma, e não de outra, com a delimitação e a morfologia textual. Com esta tradução, foi-nos possível encontrar outros significados que a tradução utilizada não nos revelava e que nos ajudaram na exegese. Um destes exemplos é a palavra «ᾗδου» que, habitualmente, é traduzida por «inferno»; contudo, se a traduzirmos por «Hades», deixa de ser um lugar de castigo para passar a definir o local onde se encontram todos os mortos. Como vimos anteriormente, isto poderá ser uma clara referência à ressurreição. Outra palavra é «πύλαι» que, em vez de ser traduzida por «porta», de acordo com o que aponta um estudo, a tradução mais correta seria «tempestade». Com isto, percebemos nela outro sentido, ou seja, pelo facto de a Igreja ser construída sobre a rocha, não há tempestade que prevaleça contra ela.

A abordagem sinótica a que procedemos posteriormente foi de um enriquecimento considerável, não só porque nos foi possível evidenciar que Mateus é o único a falar do primado petrino, mas também porque este usa títulos cristológicos que não estão presentes nos outros sinóticos quando estes relatam o mesmo episódio. Os títulos cristológicos usados pelo primeiro evangelista são: «Filho do Homem», «Cristo» (Messias) e «Filho de Deus». Tendo o final do segundo capítulo em vista, pareceu-nos apropriado que este culminasse com uma breve explicação dos títulos cristológicos acima apresentados. Além do mais, isto serviria praticamente como uma introdução ao que se viria a abordar no terceiro capítulo.

No terceiro capítulo e na exegese desta passagem em geral, a abordagem mais esperada seria talvez a definição de «pedra» atribuída a Pedro. Para tal, antes de iniciarmos a exegese do texto em geral, foi oportuno estabelecermos a comparação do termo «pedra» com «edificação». Este procedimento permitiu-nos tomar consciência de que Pedro não era pedra no sentido de fundamento, mas um precursor desta construção iniciada por Cristo. Seria um cuidador da Igreja na ausência do seu fundador. Depois de termos isto em perspetiva, iniciamos a exegese de toda a passagem, apontando aspetos que mereciam uma atenção especial e outros que, numa primeira leitura, nos passaram despercebidos.

Para terminarmos esta investigação, não poderíamos deixar de respondermos à mesma pergunta que Jesus fez aos seus discípulos, tendo em consideração os dias de hoje e o contexto atual. De facto, não é apenas uma pergunta a eles dirigida. É uma questão à qual cada um de nós, cristãos, devemos continuar a responder. Uma pergunta simples, mas que acarreta uma resposta tão complexa porque, como refletimos, todos os títulos se manifestam limitados e insuficientes para nomear Cristo e a sua missão.

Foi este o trajeto que escolhemos para desenvolver o nosso trabalho. Poderiam existir outros meios para abordar a questão, mas estes foram os que nos pareceram mais apropriados e esclarecedores. Terminamos, não com a certeza de que este é um acontecimento ultrapassado que não implica o ser humano de hoje, mas precisamente com a sensação do contrário: o ser humano atual, dentro do contexto em que está inserido, é chamado a responder a esta pergunta. Não com aquilo que os outros dizem, mas com o que ele pensa verdadeiramente sobre esta questão.

BIBLIOGRAFIA

1. Bíblias Sagradas

Bíblia de Estudo Almeida Revista e Atualizada. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Bíblia Sagrada (Edição Pastoral). 8ª ed. Lisboa: Paulus Editora, 2012.

Bíblia Sagrada. 5ª ed. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2014.

Bíblia. Os Quatro Evangelhos e os Salmos. Ad Experimentum. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2019.

Nestle, Erwin, Nestle, Eberhard e Aland Kurt. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

2. Dicionários

Hossfeld, Frank-Lothar. «Mesías». Em *Diccionario enciclopédico de exégesis y teología bíblica*, ed. Walter Kasper, Tomo I: 1057-1063. Barcelona: Herder Editorial, 2011.

Kugler, Joachim. «Hijo de Dios», em *Diccionario enciclopédico de exégesis y teología bíblica*. Ed. Walter Kasper, Tomo I: 754-760. Barcelona: Herder Editorial, 2011.

Moreira, Rogério (ed.), *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira: Atlas Bíblico*. Lisboa: Edições Zairol, 1989.

3. Livros

Alday, Salvador. *El evangelio según san Mateo*. Espanha: Editorial Verbo Divino, 2010.

Barclay, William. *The Gospel of Matthew*. Trad. Carlos Biagini. Filadélfia: Westminster Press, 1975.

Brown, Raymond E., Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy (eds.), *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2004.

Bultmann, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. Traduzido por Ilson Kayser. Santo André: Editora Academia Cristã, 2008.

Carmona, Antonio. *Evangelio de Mateo*. Bilbao: Editorial Desclée De Brouwer, 2006.

Carson, Donald A. *Matthew: The Expositor's Bible Commentary*. Michigan: Zondervan, 2010.

- Evans, Craig A. *Matthew: New Cambridge bible commentary*. New York: Cambridge University Press, 2012.
- Forte, Bruno. *Jesus de Nazaret: historia de Dios, Dios de la historia*. Madrid: Ediciones Paulinas, 1983.
- Galazi, Mario. *Evangelio según Mateo*. Madrid: San Pablo, 1999.
- Keener, Craig S. Keener. *The Gospel of Matthew: A social-rhetorical commentary*. EUA: Eerdmans, 2009.
- Lopes, José Machado. *Atlas Bíblico: geográfico-histórico*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1993.
- Luz, Ulrich. *El evangelio según San Mateo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2001.
- Michelini, Giulio. *Matteo: introduzione, traduzione e commento*. Torino: San Paolo, 2013.
- Nolland, John. *The new international greek testament commentary: The gospel of Matthew*. EUA: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2005.
- Oliver, Gloria Heras. *Jesús según San Mateo: Análisis narrativo del primer evangelio*. Navarra: EUNSA, 2001.
- Pagola, José Antonio. *El caminho abierto por Jesús: Mateo*. San Sebastián: PPC, 2010.
- Pastoral, Instituto Nacional de. *Introducción a los Evangelios Sinópticos*. S. l.: Editora Amigo del Hogar, 2015.
- Pikaza, Xabier. *Evangelio de Mateo: De Jesús a la Iglesia*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2017.
- Ratzinger, Joseph. *Fé e futuro*. Estoril: Princípia Editora, 2008.
- *Jesús de Nazaret*. Madrid: La Esfera de los Libros, 2007.
- Rienecher, Fritz. *Evangelho de Mateus: comentário esperança*. Traduzido por Werner Fuchs. Brasil: Editora Evangélica Esperança, 1998.
- Rincon, Alfredo. *Tú eres Pedro: Interpretación de “piedra” en Mat.16, 18 y sus relaciones com el tema bíblico de la edificación*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1972.
- Schillebeeckx, Edward. *Jesus: la Historia de un Vivente*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1981.
- Schmid, Josef. *El evangelio según san Mateo*. Barcelona: Herder, 1967.

4. Artigos da internet e de revistas

Cunha, Carlos. «Introdução ao Evangelho de Mateus» Acedido a 1 de março de 2022. <https://teologiadefronteira.wordpress.com/2012/09/>.

Silva, Rodrigo. «Mateus o Evangelho da ruptura». *Revista Teológica do Salt-IAENE* 5, n. 1 (2001): 61-69. <https://seer-adventista.com.br/ojs3/index.php/praxis/article/view/597/525>.

Oliveira, Elenice. «Evangelho de Mateus: uma comunidade resistente». *Fragmentos de cultura* 25, n. 3, (2015): 369-378.

Segura, Chema. «Perdoar não é esquecer». Acedido a 1 de abril de 2022. https://www.hijasdejesus.org/index.php?option=com_content&view=article&id=316:perdoar-nao-e-esquecer&catid=14&lang=pt&Itemid=143.

Carvalho, José Ornelas. «Origem e evolução do messianismo em Israel». *Didaskalia* XXX, n. 1 (2000): 29-51.

Domergue, Marcel. «Quem é este homem?». Acedido a 20 de agosto de 2022. https://www.snpcultura.org/vol_quem_e_esto_homem.html.

Francisco, Papa. «Catequeses sobre as bem-aventuranças». Acedido a 22 de agosto de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200129_udienza-generale.html.

————— «Catequese sobre as Bem-aventuranças - 1». Acedido a 22 de agosto de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200129_udienza-generale.html.